

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE LETRAS E LINGUÍSTICA

MARIA EDUARDA MARTINS SOUTO



**De Geraldine Jewsbury a Jane Carlyle:
análise dos aspectos composicionais das cartas a partir de uma tradução comentada**

Uberlândia/MG

2026

MARIA EDUARDA MARTINS SOUTO

**De Geraldine Jewsbury a Jane Carlyle:
análise dos aspectos composicionais das cartas a partir de uma tradução comentada**

Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Uberlândia/MG

2026

MARIA EDUARDA MARTINS SOUTO

De Geraldine Jewsbury a Jane Carlyle:

Análise dos aspectos composicionais das cartas a partir de uma tradução comentada

Trabalho de Conclusão de Curso ao Curso de Graduação em Tradução do Instituto de Letras e Linguística da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Tradução.

Uberlândia, 30 de julho de 2026

Banca Examinadora:

Profª. Dra. Paula Godoi Arbex (Orientadora – ILEEL/UFU)

Profª. Dra. Maria Ivonete Santos Silva (ILEEL/UFU)

Prof. Me. Fernando Franqueiro Gomes (ILEEL/UFU)

Dedico este trabalho a minha família, amigos e colegas, pelo estímulo, carinho e compreensão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à professora e amiga Paula Arbex pelo apoio, motivação e orientação nesta caminhada acadêmica. Também agradeço à professora Cynthia Costa pela companhia, incentivo e orientação no processo de iniciação científica.

Às colegas Kaylane, Kate, Livia, Eduarda, Ingryd, Eloanne, Rafa e Emilie, pelo tempo que passamos juntas dedicado às tarefas do curso e pela amizade construída no processo. Agradeço principalmente à minha amiga Elle, por estar comigo nos momentos bons e ruins, por me apoiar em qualquer loucura que eu decidisse fazer e por ter tornado esta trajetória mais feliz.

Agradeço à minha família, minha mãe e meu pai que estavam um pouco reticentes no início, mas que hoje me apoiam incondicionalmente. À minha tia Thaís, pelas conversas esclarecedoras e às minhas irmãs Déborah e Bárbara, pela companhia e apoio.

Agradeço a todos da Pró-Reitoria de Extensão da UFU, lugar onde encontrei pertencimento e fiz amizades importantes. Às minhas colegas e amigas Bárbara, Regina e Isabela, que estiveram comigo no início e me auxiliaram na trajetória como revisora e tornaram o processo de inserção no mundo acadêmico mais fácil. À Tamiris, ao Alexandre e à Laura, que estão presentes hoje e sempre têm um momento para me escutar e aconselhar.

À Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais (FAPEMIG) pelo financiamento das publicações feitas pelas revistas *Em Extensão* e *Revista de Educação Popular* desde 2024 e pela bolsa concedida durante o período.

Agradeço também aos professores do curso de Tradução, Francine, Stéfano, Marileide e Igor, por fazerem das disciplinas e dos momentos de aula as partes mais apaixonantes do curso. Às professoras Francine, Cynthia e Paula, especialmente, pelo apoio no meu processo de candidatura em projetos de pós-graduação internacional, eu não teria conseguido sem vocês.

“Their correspondence, so glowing with life that it is still warm to the touch of the spirit, breathes no ordinary friendship and needs no comment”.

(Ireland, 1892, p. vi)

RESUMO

O presente trabalho consiste em uma análise dos elementos composicionais das três primeiras cartas enviadas por Geraldine Endsor Jewsbury, escritora inglesa do século XIX, a Jane Carlyle, autora escocesa, a partir da tradução comentada desses textos, realizada pela autora desta pesquisa, com base na estrutura epistolar categorizada por Tin (2005b). O método utilizado foi o da tradução comentada por evidenciar as estratégias utilizadas no trato de cada um dos elementos composicionais no texto original. O escopo do trabalho foram as três primeiras cartas presentes na coletânea *Selections from the letters of Geraldine Endsor Jewsbury to Jane Welsh Carlyle*, organizada pela biógrafa “Anne” Alexander Ireland. Este tema foi selecionado pela pouca quantidade de estudos acerca da obra de Geraldine Jewsbury no Brasil e pelo papel marginal que o gênero epistolar possui no âmbito da pesquisa acadêmica em Letras, apesar de representar um importante meio de expressão feminina, principalmente entre escritoras dos séculos XIX e XX. Como resultados, foram encontrados aspectos que estavam descritos nos estudos de Tin (2005b) e foram empregados diversas vezes por Jewsbury no decorrer das cartas, os quais foram refletidos no português por meio de estratégias tomadas e descritas durante a tradução comentada.

Palavras-chave: gênero epistolar; escrita feminina; Geraldine Jewsbury; elementos composicionais de cartas; tradução comentada.

ABSTRACT

This work comprises in an analysis of the compositional elements of the first three letters sent from Geraldine Endsor Jewsbury, a 19th-century English writer, to Jane Carlyle, a Scottish author, through an annotated translation, carried out by the author of this research, based on the epistolary structure systematized by Tin (2005b). The method used was the annotated translation, as it highlighted the necessary strategies to be used with each of the compositional elements in the original text. The object of study included the first three letters of the collection “Selections from the letters of Geraldine Endsor Jewsbury to Jane Welsh Carlyle, organized by the biographer “Anne” Alexander Ireland. This topic was selected because of the small amount of studies about the works of Geraldine Jewsbury in Brazil and because of the marginal role occupied by the epistolary genre within the scope of academic research in Language and Literature studies, despite representing an important medium of women’s expression, mainly among women writers of the 19th and 20th centuries. The results showed aspects which were described in Tin’s (2005b) studies and were used several times by Jewsbury over the course of the letters, which were reflected in the Portuguese translation through strategies made and described during the annotated translation.

Keywords: epistolary genre; women’s writing; Geraldine Jewsbury; letters’ compositional elements; annotated translation.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	09
2	GERALDINE JEWSBURY: VIDA E OBRA	11
3	EPISTOLOGRAFIA	16
4	METODOLOGIA.....	20
5	TRADUÇÃO E COMENTÁRIO	23
6	ANÁLISE E DISCUSSÃO.....	42
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS.....	46

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho versa sobre as três primeiras cartas da escritora inglesa Geraldine Jewsbury publicadas na coletânea *Selections from the letters of Geraldine Endors Jewsbury to Jane Welsh Carlyle*. Este tema foi escolhido a partir de um texto publicado por Virginia Woolf, em 1929, na revista *The Bookman* (Woolf, 2019); nele, a autora discorre a respeito da relação de Geraldine Jewsbury com Jane Carlyle em torno de algo que começou como uma resenha dos romances *Zoe* e *The Half Sisters*. No escrito, publicado no Brasil como parte do livro de ensaios *Mulheres e Ficção* (Woolf, 2019), Woolf relaciona as cartas e os aspectos biográficos da vida de Jewsbury a elementos ligados ao papel da mulher na sociedade vitoriana, presentes nos romances da própria Geraldine, cujas protagonistas eram também mulheres. Além disso, Woolf aponta a forte conexão entre Geraldine e Jane como uma grande influência para o início da carreira de romancista de Jewsbury, uma vez que foi Jane quem a incentivou e fez a mediação entre Geraldine e a editora responsável pela publicação do seu primeiro romance, *Zoe*.

Nesse sentido, o objetivo primeiro do presente trabalho foi inserir Geraldine Jewsbury nos círculos de estudos literários brasileiros, uma vez que a autora nunca teve suas obras traduzidas para o português. Além disso, foram também norteadores desta pesquisa a realização de uma tradução comentada de cartas, gênero um tanto quanto negligenciado nos estudos de literatura, a partir de um estudo dos aspectos composicionais do gênero epistolar, evidenciando as estratégias tomadas para verter esses aspectos no texto em português.

Para o estudo acerca do gênero epistolar, foram utilizadas principalmente as obras de Emerson Tin (2005a; 2005b), pesquisador que se debruçou no estudo de cartas e de seus aspectos composicionais desde a antiguidade clássica. E, para embasar metodologicamente a tradução comentada, foi utilizado o artigo escrito por Torres (2017), no qual a pesquisadora apresenta técnicas para a realização da tradução comentada na escrita acadêmica.

Por outro lado, a execução desta pesquisa também se deu porque as cartas, tanto de Jewsbury quanto de outros autores cujo objeto de trabalho artístico era a escrita literária, funcionam como um imenso locus de análise, neste caso apresentando convergências entre a obra da autora e seu pensamento político acerca das condições de vida das mulheres na Inglaterra vitoriana.

Ou seja, pensando no gênero epistolar, as cartas de Geraldine carregam o que Kohlkrausch (2015) nomeou como “arquivo de criação” (p. 150), isto é, atuam como um espaço em que estão a gênese e outras diversas etapas do processo criativo da autora. Kohlkrausch (2015) também defende que “carta, enquanto gênero, é vista à margem da literatura, [...] no

entanto, as cartas dirigidas a um destinatário real envolvem o aspecto documental e literário”, o que também se mostra enriquecedor para o processo de tradução comentada.

Assim, o trabalho é composto de uma breve seção acerca da biografia de Jewsbury e de sua relação com Jane Carlyle, seguida de uma exposição que estabelece os aspectos composicionais do gênero epistolar na sua origem e suas convergências com os elementos presentes nas cartas de Jewsbury. Depois, é descrito o método utilizado na execução da tradução comentada a partir das técnicas apresentadas por Torres (2017). A seção seguinte, composta a partir do texto original e da tradução, apresenta uma tabela que facilita a visualização dos trechos comentados, seguida dos comentários em formato de texto corrido. Na penúltima seção, é realizada uma análise dos resultados do processo tradutório e estabelecida sua convergência com o referencial teórico utilizado. Por fim, são apresentadas as considerações finais, com o objetivo principal de convidar novos pesquisadores a continuarem estudando esta autora e aumentando o escopo de suas obras em português.

2 GERALDINE JEWSBURY: VIDA E OBRA

Antes de escritora, Geraldine Jewsbury (1812-1880) foi jornalista, revisora, tradutora e editora, o que fez dela uma grande influência na literatura de sua época. Seus escritos ganharam novo folego com a publicação de seus romances (Bloom, 2015), os quais versavam sobre a posição de mulheres na sociedade vitoriana. Além disso, durante grande parte de sua carreira, Jewsbury foi uma das mais proeminentes leitoras de originais¹ do século XIX (Carney, 1996). Como tradutora, foi responsável por verter do italiano para o inglês alguns trabalhos de Giuseppe Mazzini; além disso, editou as memórias de Lady Morgan, ofereceu diversas contribuições jornalísticas ao *Household Words* de Charles Dickens e ao *Silling Magazine* de Douglas Jerrolds e avaliou manuscritos enviados às editoras Hurst and Blackett e Bentley de 1858 a 1880 (Bloom, 2015).

Imagem 1 – Retrato de Geraldine Jewsbury



Fonte:
https://en.wikipedia.org/wiki/Geraldine_Jewsbury#/media/File:Geraldine_Jewsbury.jpg (2015).

¹ Profissional responsável por ler e avaliar manuscritos inéditos (originais) enviados para publicação em jornais ou editoras.

Filha de um industrial de Measham, Derbyshire, Geraldine era a segunda filha mulher entre seis irmãos. Em 1818, por falta de perspectivas nos negócios em Measham, sua família mudou-se para Manchester, e a morte da mãe veio logo depois, tornando sua irmã mais velha, Maria Jane Jewsbury (1800-1833), a responsável feminina pela família, ao mesmo tempo em que desenvolveu uma carreira literária, inspirando a irmã mais nova (Bloom, 2015). Ainda segundo Bloom (2015):

Maria Jane estabeleceu relações com diversos poetas, incluindo Willian Wordsworth e Felicia Hemans; publicou vários livros de prosa e poesia, assim como uma versão das cartas que escreveu para corrigir os impulsos emocionais de Geraldine (*Letters to the Young*, 1828); e escreveu artigos para o jornal literário *Athenaeum*, de Londres (Bloom, 2015, p. 1, tradução minha).

Geraldine estudou em um internato, no qual aprendeu outros idiomas e se formou como preceptora. Quando Maria Jane se casou e se mudou para a Índia (onde morreu de cólera em 1833), Geraldine se tornou responsável por cuidar da casa de seu pai (Bloom, 2015). Com a morte dele, em 1840, ela cuidava da casa para o seu irmão mais jovem, Frank, e, com ele, formou um círculo literário no subúrbio de Manchester (Bloom, 2015).

Ainda de acordo com Bloom (2015), Geraldine se caracterizava como uma mulher fora do comum; pequena e encantadora, ela gostava de fumar e recheava seus diálogos com humor e imprecisões. Apesar dos incomuns pedidos de casamento que fez a diversos homens, ela nunca se casou. Acreditava ser a precursora de um novo tipo de mulher, que não seria educada apenas para o casamento, uma vez que possuía “qualidades e possibilidades melhores” (Ireland, 1982, p. 348, tradução minha).

Também em 1840, enquanto passava por uma crise religiosa, Jewsbury entrou em contato com Thomas Carlyle como parte da busca por uma alternativa à religião tradicional. Durante as suas visitas aos Carlyle, Geraldine “ficou especialmente próxima à esposa, Jane Welsh Carlyle” (Bloom, 2015, p. 1), para quem revelou suas aspirações, entusiasmos e seu desejo de ajudar os outros. Sob outra perspectiva, agora segundo o relato de Virginia Woolf (2019), em 1841, finalmente Geraldine foi a Londres e conseguiu se apresentar a Thomas Carlyle, autor que já conhecia e admirava; foi então que conheceu também aquela que se tornaria sua grande amiga, Jane Carlyle. Nos dizeres de Woolf: “As duas devem ter se tornado íntimas com grande rapidez, porque em poucas semanas a sra. Carlyle já era sua ‘querida Jane’. Devem ter conversado sobre tudo” (Woolf, 2019, p. 70).

Dessa forma, a correspondência de Jewsbury com Jane se deu de 1841 até 1854, quando Frank Jewsbury morreu e Geraldine mudou-se para Londres de forma a ficar mais próxima de

Jane. Em função desse enorme espaço de tempo, a coletânea de cartas enviadas por Geraldine, publicada pela biógrafa Anne Ireland em 1892, possui 126 epístolas registradas, resultando em 443 páginas no volume utilizado para composição deste trabalho.

Assim, foram selecionadas as três primeiras cartas da coletânea para a realização deste estudo, situadas no contexto inicial do relacionamento entre Geraldine e Jane, quando Jewsbury ainda não havia publicado nenhum de seus romances e começava a sua carreira no meio literário inglês do século XIX; segundo Woolf (2019), essas epístolas eram “cartas longas, muito longas, escritas às vezes ‘com um gatinho que sobe desce pelas roupas’, cartas cheias de mexericos e casos como Jane tanto gostava” (p. 80). Este objeto de pesquisa foi assim definido porque a obra de Geraldine Jewsbury nunca foi traduzida para o português do Brasil, logo, ela nunca foi apresentada ao público brasileiro. Nesse sentido, a tradução comentada das cartas tem também a função de apresentação de Jewsbury aos leitores e pesquisadores do nosso país.

Outro aspecto digno de nota é o fato de que toda a correspondência escrita por Jane a Geraldine foi destruída pela própria Geraldine. Em outras palavras, quando Jane morreu, em 1866, ela pediu que Jewsbury queimasse a sua correspondência, o que a amiga cumpriu, mas apenas em 1880, quando já estava bastante debilitada, e acabou deixando uma carta para trás. Além disso, Geraldine também pediu a Anne Ireland que destruísse suas cartas, mas esta não aceitou, realizando a publicação da coletânea *Selections from the letters of Geraldine Endors Jewsbury to Jane Welsh Carlyle* em 1892 e publicando também a única carta que sobrou de Jane Carlyle no seu relato biográfico *Life of Jane Welsh Carlyle* (1891).

Dessa forma, as três cartas traduzidas neste estudo foram escritas por Geraldine, com as datas de acordo com a postagem e apresentando temas cotidianos, como pedidos de que Jane escrevesse de volta, pequenas narrações sobre conhecidos da autora, referências a obras literárias e autores da época, intertextualidade, diálogos, metalinguagem etc. (Ireland, 1892). Naquele período, Jewsbury ainda não havia publicado o seu primeiro romance, participando do meio literário vitoriano ainda como uma espectadora, o que mudaria no ano de 1845, com a publicação do romance *Zoe: a history of two lives*, com farto incentivo de Jane. Além deste, Geraldine escreveu e publicou outros romances, sendo eles: *The Half Sisters: a tale* (1848), o qual narra o contraste na vida das meias-irmãs do título, uma que é atriz e a outra que se torna uma dona de casa desesperada, dependendo do marido para alcançar a realização e o seu bem-estar (Bloom, 2015), dedicado a Jane Carlyle; *Marian Withers* (1851) apresentado num cenário industrial com a sugestão de que mulheres seriam mais felizes casando dentro de sua própria classe social; *The History of an Adopted Child* (1852) e *Angelo* ou *The Pine Forest in the Alps* (1855), romances voltados para o público infantil, que “mostram a importância da gentileza e

da educação para crianças, especialmente órfãos” (Bloom, 2015, p. 2); *Constance Herbert* (1855); *The Sorrow of Gentility* (1856); e, por fim, *Right or Wrong* (1859).

Diante do exposto, assim como fez Angelides (2001), este artigo visou a estudar a possibilidade de a carta ser lida como objeto literário, e não apenas como auxiliar ou complemento da obra ficcional de Jewsbury, neste caso específico, a partir da tradução e análise das três primeiras cartas da coletânea editada e publicada por Ireland (1892).

2.1 Geraldine e Jane

Anne Alexander Ireland, na introdução às *Sellections from the letters of Geraldine Endor Jewsbury to Jane Carlyle* (1892), descreve um pouco da relação que existiu entre essas duas mulheres, principalmente a partir da perspectiva de Geraldine, mas mostrando que essa correspondência mostra sobretudo quem era Jane Welsh Carlyle:

Assim era a amizade entre Miss Jewsbury e a Sra. Carlyle. Se não ia além do amor entre mulheres, chegava ao limite máximo de que essa sagrada "relação espiritual" é capaz. Cada uma carregava consigo, como um direito inato, o próprio amor; mas uma era casada e solitária, a outra, solteira e solitária. Sobre cada uma havia passado o "carro de Juggernaut", deixando marcas profundas. Cada uma conhecia o significado das palavras "Não terás"! Cada uma sabia precisamente o que a outra queria, mas não possuía. Uma era masculina em muitos aspectos, e era ela quem carregava o jugo do casamento e a cruz ainda mais profunda da solidão conjugal. A outra, feminina até a medula, parecia ter a taça do amor sempre cheia em seus lábios, mas, por alguma ironia do destino, foi abandonada – morreu solitária, em certo sentido; e as duas mulheres se amavam apaixonadamente. Sua correspondência é vibrante de vida, aquece o espírito, exala uma amizade extraordinária e dispensa comentários. Sua natureza fragmentária é inevitável, mas foi esculpida na rocha viva e diz mais sobre Jane Welsh Carlyle do que sobre Geraldine Jewsbury (Bloom, 2015, tradução minha).

Conforme dito, elas se conheceram em 1841, quando Jane Carlyle já tinha 40 anos e estava casada com o famoso escritor Thomas Carlyle, por causa do interesse de Geraldine na obra deste último (Cruikshank, 1979). Neste contexto, Jane não desconfiava que aquela mulher 11 anos mais nova, que foi a Londres para entrar em contato com seu marido, encontraria nela sua maior fonte de admiração. Geraldine rapidamente se apaixonou (platonicamente) por Jane, a qual não se sentiu inclinada à reciprocidade de início, no entanto, com o tempo, passou a depender de Jewsbury e começou a se referir a ela como sua amiga mais íntima no mundo (Cruikshank, 1979).

Nesse sentido, por não se encaixar no papel de inferior, Jane sofreu muito como esposa de Thomas Carlyle, a tragédia de sua vida surgiu a partir do conflito entre duas partes de si mesma, uma que entendia o papel de servir um grande homem e outra que odiava a subserviência exigida por essa tarefa (Cruikshank, 1979). Em outras palavras, apesar de não amar Thomas fervorosamente, Jane queria incentivá-lo, pois “ela enxergava sua genialidade e esperava que o mundo fosse vê-la também um dia” (Cruikshank, 1979, p. 60, tradução minha).

Apesar disso, durante seis anos de casados, os Carlyle viveram em uma fazenda isolada na Escócia, durante os quais Jane se concentrou totalmente nos cuidados com a casa e na escrita (Cruikshank, 1979). Pelos 32 anos seguintes, até a morte de Jane, em 1866, eles viveram em Londres, onde Thomas se tornou uma proeminente personalidade do meio literário. Esperava-se que ela também escrevesse livros brilhantes, o que nunca aconteceu (Cruikshank, 1979).

Nesse contexto, Jane acabou concentrando sua genialidade literária nas cartas que escrevia, principalmente direcionadas ao próprio Carlyle, mas também para outras pessoas. “Infelizmente, Geraldine, no seu leito de morte, destruiu todas menos uma das cartas de Jane direcionadas a si, de acordo com os desejos de Jane” (Cruikshank, 1979, p. 60-61, tradução minha).

Por causa disso, nunca será possível realizar uma análise completa da relação que existiu entre Geraldine e Jane a partir da correspondência, restando apenas um lado desta história, cujos princípios serão apresentados no decorrer deste trabalho com a tradução comentada e a análise das três primeiras cartas escritas por Geraldine a Jane Carlyle, no ano de 1841, com base na coletânea organizada e editada por Anne “Alexander” Ireland (1842-1893).

3 EPISTOLOGRAFIA

Citando Emerson Tin (2005b, p. 17), “durante mais de 2 mil anos, escrever cartas foi o principal meio de comunicação a distância. Assim, dizia-se que a carta tornava presentes os ausentes”. Tendo isso em mente, a partir da temática específica deste trabalho, podemos nos engendrar por diversos caminhos, como a presença do fazer literário nas cartas, a relação existente entre duas mulheres do meio literário no século XIX e a convergência das características do gênero epistolar com as cartas de Geraldine aqui traduzidas. Assim, neste trabalho, busca-se dar destaque aos elementos composicionais que são característicos do gênero epistolar e que estão presentes nas três cartas de Geraldine Jewsbury, assim como enfatizar o papel exercido pela escrita de cartas na carreira literária desta autora a partir da tradução comentada.

Para isso, devem ser estabelecidas as bases do gênero epistolar a partir de sua historiografia e critérios de classificação. Ainda segundo Tin (2005b), as primeiras teorizações sobre epistolografia que existem documentadas aparecem “num período que cobre cerca de cinco séculos – desde o século I a.C. até o século IV d.C. –, menções a cartas aparecem nas obras de Demétrio, Filóstrato de Lemnos e Caio Júlio Victor, além das dispersas nas epístolas de Cícero, de Sêneca e de Gregório Nazianzeno” (Tin, 2005b, p. 18). Nesse sentido,

alguns traços comuns parecem unir todas as concepções epistolares da Antiguidade: a carta é definida como um diálogo entre amigos e, como tal, deve ser breve e clara, adaptando-se aos seus destinatários e empregando o estilo mais apropriado. [...], de certo modo, essa definição de carta como diálogo, ou como uma das partes de um diálogo, perpassará praticamente todas as artes epistolares (Tin, 2005b, p. 18).

Em outras palavras, as cartas expressam, “na maior parte das vezes, o mais natural da comunicação humana, ou seja, uma ‘conversa’ informal, na qual é possível observar, portanto um reflexo dos modos como interagimos verbalmente no nosso cotidiano” (Wattthier; Costa-Hubes, 2009). Assim, a carta pode ser classificada, segundo Bakhtin (2000), como um gênero discursivo primário, em função da predominância de relações sociais nesses textos.

Por outro lado, Demétrio, autor de *De elocutione*, foi o primeiro a expor regras teóricas sobre epistolografia, a partir de um excurso presente no tratado, com data de composição variando entre os séculos I a.C. e I d.C. (Tin, 2005b). De acordo com Tin (2005b):

Demétrio aborda, nas seções 190-235 de seu tratado, o chamado estilo simples (*ischnos*), que é associado ao vício da aridez (*xeros*), e propõe a sua aplicação na escrita de cartas (especificamente nas seções 223-235. Toma como base um juízo de Artemón, que teria compilado as cartas de Aristóteles, segundo o qual se devem escrever as cartas da mesma maneira que os diálogos, de tal forma que a carta seja como uma das duas partes de um diálogo. Demétrio afirma, então, que a carta deve ser algo mais elaborada que o diálogo, pois, enquanto o diálogo imita alguém que improvisa, a carta de outra forma, é escrita e enviada a alguém, como se fosse um presente. Ainda assim, deve-se adotar na carta um estilo simples, pedestre, de maneira que mais se aproxime de uma conversa entre amigos do que da demonstração pública de um orador (Tin, 2005b, p. 19).

Ou seja, a carta tinha o seu uso principal voltado à comunicação, porém, desde a sua sistematização, a sua estrutura passou a ser incorporada em outros gêneros textuais, como os tratados em forma epistolar, com os exemplos de Platão e Tucídides (Tin, 2005b), e, posteriormente, com a popularização do romance epistolar na Europa do século XVIII (Medeiros, 2023).

Voltando a Demétrio, o autor afirma que “constituem a beleza de uma carta as expressões de amizade e os numerosos provérbios que contém” (Tin, 2005b, p. 20). Para concluir, ele reitera que “a carta, em geral, quanto ao seu modo de elocução, deve mesclar os estilos gracioso e simples, sendo como uma das partes de um diálogo” (Tin, 2005b, p. 20). Isso quer dizer que, à época, a carta possuía as características de um diálogo informal, mas, ao mesmo tempo, encarnava um estilo gracioso.

Passamos, então, para as formulações de Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.), que não escreveu tratados sobre epistolografia tampouco sistematizou este tema em seus outros escritos, mas possui, em seus textos, conceitos a respeito da composição epistolográfica (Tin, 2005b). Ou seja, a partir disso, subentende-se que ele possuía um sólido conhecimento da teoria epistolar grega (Tin, 2005b).

Assim como deixa a entender a correspondência de Jewsbury, “Cícero vê a carta como uma conversação por meio da escrita: ‘Eu, apesar de nada ter para te escrever, ainda assim escrevo, pois parece que falo contigo (12, 13)’” (Tin, 2005b, p. 21). De maneira similar, Geraldine escreve, na segunda carta: “não sei se tenho algo a te dizer, especialmente que valha a pena escrever. Meus olhos ainda estão tão fracos que me impedem de ler; escrever não é tão difícil quanto, e você é a única pessoa com quem me sinto tentada a conversar neste momento!” (Ireland, 1892, p. 7, tradução minha).

Ainda segundo Tin (2005b), Cícero afirmava que a carta manifesta o caráter de quem a escreve, o que poderia ser importante para um estudo biográfico, mas não determinante. Como aqui analisamos os aspectos composicionais das cartas de Geraldine Jewsbury, esse aspecto não

se mostra essencial. Além disso, Cícero distingue os tipos de carta entre *litterae publicae* e *privatae* (Tin, 2005b), aplicando estilos diferentes em cada um, e diferencia cartas simples com informações fatuais de cartas que comunicam o temperamento de quem as escreve.

Ao se aplicar essas noções à correspondência de Jewsbury, sabemos que são cartas privadas, antes da publicação por uma terceira pessoa que não estava envolvida diretamente na troca dos escritos, e que versam acerca de acontecimentos cotidianos da vida da autora, mas também acerca de seu temperamento e condição de saúde, como exemplificado pelo trecho:

ainda assim, eu gostaria de ter unido o meu descanso ao seu, pois também alcancei a beatitude ‘de Giaour’ e me sinto, neste instante, sem saber se estou viva ou morta! Deitada em um sofá como estou, metade sonhando, metade cochilando, sob uma luz que não é clara nem sombria – exceto por eventuais pontadas de consciência, eu já deveria ter alcançado por inteiro um estado vegetativo altamente pacífico, o que irá mudar, talvez não para melhor, assim que eu conseguir aguentar a luz do dia (Ireland, 1892, p. 7-8, tradução minha).

Em seguida, agora, aludimos a Sêneca, que, assim como Cícero, não possui formulações específicas sobre as cartas, mas em cujos escritos podem ser encontrados certos conceitos em relação ao *ato* de escrever cartas (Tin, 2005b). Para Sêneca, “a carta tem o poder de tornar presente a pessoa do destinatário” (Tin, 2005b, p. 24) e, em relação ao estilo, deve-se empregar um tom coloquial, como numa conversa entre amigos, o qual não pode extrapolar o estilo epistolar, mas deve ser entendido como “a expressão decorosa do que se pretende transmitir” (Tin, 2005b, p. 25).

Quanto a Filóstrato de Lemnos, o autor é responsável por um pequeno tratado que se destina a Aspásius de Ravena, como crítica à sua dificuldade em empregar um estilo adequado à escrita de cartas (Tin, 2005b). Neste tratado, Filóstrato também apresenta alguns exemplos de uso do estilo epistolar de discurso e, a partir disso,

passa a enumerar as características do que entende por um “estilo epistolar apropriado”: deve na aparência ser mais *ático* do que o discurso diário, mas mais ordinário do que seja o *aticismo*; deve ser composto de acordo com o uso comum, sem estar, contudo, em contrariedade com um estilo gracioso (Tin, 2005b, p. 26).

Em outras palavras, assim como autores citados anteriormente, Filóstrato de Lemnos atribui à composição epistolar um estilo próprio, com regras definidas, além de criticar quem não escreve de acordo com elas. Tin (2005b) também menciona regras mais específicas acerca de comprimento das sentenças, alusões secretas, e tons de pretensão elaboradas por Filóstrato.

Gregório Nazieanzeno (c. 329 -c. 390), ao responder uma pergunta feita pelo seu destinatário acerca da extensão apropriada de uma carta, afirma que há aqueles que escrevem

textos mais longos ou mais curtos que o apropriado (Tin, 2005b). Segundo ele, uma carta deveria ter três qualidades: concisão, clareza e graça. Quanto à primeira, o determinante da extensão é a “necessidade do objetivo a que se destinam” (Tin, 2005b, p. 27). Quanto à clareza, Gregório argumenta que a carta persuasiva tanto ao ignorante quanto ao sábio é a mais belamente escrita, ou seja, a carta ideal deve ser entendida imediatamente por pessoas diferentes. Por fim, quanto à graça, Gregório aponta que ela deve ser preservada se pretende-se evitar a completa aridez a partir do uso de artifícios que suavizem o discurso, como ditos sentenciosos, provérbios, gracejos e enigmas (Tin, 2005b).

Para concluir, apresenta-se Caio Júlio Victor, autor responsável por dedicar um capítulo de seu tratado *Ars rhetorica* à escrita de cartas, o primeiro a fazê-lo sistematicamente em língua latina (Tin, 2005b). Victor inicia o capítulo 27 do tratado, *De epistolis*, afirmando que “muitas diretrizes que pertencem ao discurso oral também se aplicam às cartas” (Tin, 2005b, p. 29). Ele então divide os tipos entre cartas de negócio (*negotiales*) e familiares (*familiares*), determinando regras que se aplicam a cada um deles.

Além disso, Victor trata da carta em relação ao destinatário, definindo o estilo a ser utilizado pelo remetente a partir de sua relação com o correspondente. Nesse sentido, estabelece os momentos do texto em que se deve destacar cada coisa, sendo as aberturas de conclusões destinadas a conformar o grau de amizade ou dignidade do destinatário e escritas de acordo com o costume (Tin, 2005b).

A partir de tudo isso, chegamos à definição de carta apresentada por Tin (2005b, p. 83), que é “o adequado arranjo das palavras assim colocadas para expressar o sentido pretendido por seu remetente. Ou, em outras palavras, uma carta é um discurso composto de partes ao mesmo tempo distintas e coerentes, significando, plenamente os sentimentos de seu remetente”.

Tendo entendido a estrutura composicional da carta e estabelecido sua posição no processo histórico de uso, pode-se passar para uma contextualização mais próxima do momento de escrita das cartas de Geraldine Jewsbury no século XIX. Segundo Diaz (2023, p. 224), “[a] correspondência era a revanche da ‘sociedade’ sobre a ‘literatura’, o campo reservado às mulheres bem-nascidas, às quais só era permitido escrever ‘por encontro’ e ‘ao sabor da pena’”.

Em outras palavras, para as mulheres do século XIX, a escrita de cartas era o principal espaço de contato com a escrita em si. Isso foi verdade para Jewsbury até 1845, quando publicou *Zoe: the history of two lives*, apesar de já possuir contatos e trabalhar no meio editorial, as cartas eram o meio fundamental de fruição da autora.

4 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado com base na teorização de tradução comentada proposta por Marie-Helene Torres no texto “Por que e como pesquisar a tradução comentada” (Torres, 2017) do livro *Literatura Traduzida: tradução comentada e comentários de tradução* (Freitas; Torres; Costa, 2017). Segundo a autora, “o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores” (Torres, 2017, p. 15). Assim, neste estudo, os comentários foram utilizados para destacar o processo de tradução das cartas de Geraldine Jewsbury. Torres assinala, ainda, que

[a] tradução ainda tem uma vantagem sobre o comentário, uma vez que transporta com ela, quando bem-sucedida, a polissemia do texto “original”, original entre aspas, pois considero a tradução também como um original. *As relações entre tradução e comentário são relações de similaridade e de diferença.* O comentário pode anteceder a tradução. Pode também a suceder. Na prática o comentário feito pelo próprio tradutor é anterior à tradução. Para traduzir precisa comentar, explicitamente, implicitamente... Precisa interpretar antes de traduzir (Torres, 2017, p. 16-17, grifo da autora).

O processo de tradução é também um processo de leitura e crítica, em que o olhar subjetivo do tradutor interpreta o texto de uma determinada forma – os comentários explicitam essa subjetividade, o que é particularmente relevante quando se trata de textos polissêmicos, como as cartas.

Para além dos pressupostos apresentados por Torres (2017), é necessário explicitar que o gênero “tradução comentada” não possui ainda uma metodologia desenvolvida em consenso no campo dos estudos da tradução (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015). No entanto, é possível utilizá-lo no meio acadêmico como uma descrição e reflexão acerca do objeto tradutório e do trabalho de tradução. Nesse contexto, as autoras argumentam, com base em Williams e Chesterman (2002), que “toda e qualquer análise crítica envolvendo os textos fonte e alvo podem caracterizar o que chamam de tradução com comentários ou anotada” (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015, p. 333).

Em outras palavras, na tradução comentada, o foco principal deixa de ser apenas o texto traduzido e se torna o processo realizado para chegar até ele. Isto é

os aspectos teóricos e intertextuais convocados para a realização dessas traduções têm uma importância diferente daquela de um produto editorial que deseja vender a tradução. Nas revistas acadêmicas, mesmo naquelas que são de fato vendidas, não é somente a tradução em si que sobressai, mas toda a pesquisa feita para se chegar a ela (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015, p. 335).

Além disso, outro aspecto destacado por Zavaglia, Renard e Janczur (2015) diz respeito ao caráter do comentário de tradução no âmbito acadêmico:

No caso de um trabalho acadêmico, no entanto, os comentários não são complementos acessórios à tradução; ambos integram um mesmo conjunto e, embora algumas vezes independentes, são, no contexto da leitura, seja dos membros da banca julgadora, seja dos estudiosos interessados, componentes de igual importância, já que um não tem razão de ser sem o outro. Nesse sentido, o comentário também pode ser visto como uma modalidade de tradução, uma vez que ele traduz a própria tradução (Zavaglia; Renard; Janczur, 2015, p. 337).

Isso significa dizer que o comentário traz luz aos processos utilizados na realização da tradução, enfatizando a justificativa de escolhas feitas pelo tradutor, o caminho tomado para sanar dificuldades e seleções baseadas no projeto tradutório.

É importante destacar que foi adotado o caminho de tradução comentada buscando destacar as características composicionais das cartas e como lidar com elas, como os trechos oralizados, as menções a aspectos contextuais da época (nomes de pessoas, lugares e expressões idiomáticas), estrangeirismos, breves narrações etc. Tanto a multiplicidade de sentidos quanto a variedade de usos da linguagem nas cartas de Jewsbury constroem um terreno fértil para a realização da tradução comentada desses escritos.

Desse modo, buscou-se realizar um processo tradutório que preservasse os elementos característicos do gênero epistolar, destacando as suas singularidades por meio dos comentários de tradução. A sintaxe característica de um inglês informal, o vocabulário com diversas referências à literatura da época, os vícios de linguagem, as conotações e palavras polissêmicas, além de desafios intrínsecos ao trabalho de tradução ligados à interpretação cultural de certos termos de cada língua foram os pontos destacados na composição deste trabalho.

Para tanto, como *corpus* deste trabalho, foram selecionadas as três primeiras cartas escritas por Geraldine Jewsbury a Jane Carlyle presentes na obra *Selections from the letters of Geraldine Endor Jewsbury to Jane Welsh Carlyle*. Foi delimitado o número de três em função da extensão dos escritos e da característica introdutória do gênero Trabalho de Conclusão de Curso, de forma que a tradução e a análise ficassem compatíveis à extensão esperada neste tipo de pesquisa acadêmica.

Em seguida, foi realizada uma leitura preliminar do objeto de pesquisa para determinar os aspectos a serem analisados no trabalho. Com isso, houve a seleção dos materiais que comporiam o referencial teórico, assim como uma delimitação de uma metodologia baseada no gênero “tradução comentada”. Como referencial teórico, foram selecionados textos cuja

temática estava voltada a textos epistolares, tradução comentada de cartas e dados biográficos de Geraldine Jewsbury.

A partir de então, realizou-se a seleção dos textos mais pertinentes, uma vez que tanto os trabalhos que tratavam de cartas quanto aqueles relacionados à tradução comentada possuem objetos muito bem determinados, sem uma elaboração geral acerca de cada temática.

Assim, estabelecidas as bases teórico-metodológicas, deu-se início ao processo de tradução acompanhado de um caderno de anotações, o qual era preenchido de acordo com os desafios encontrados no processo. As traduções e comentários foram realizados de acordo com a sua numeração e datação, sendo iniciados com a primeira carta e finalizados com a terceira. Esta parte também foi acompanhada de leituras relacionadas à biografia de Jewsbury, de forma que houvesse um melhor entendimento do contexto no qual a correspondência foi escrita baseado na época de vida da autora.

Posteriormente, tanto as cartas quanto os comentários foram organizados em formato de arquivo e revisados de acordo com a necessidade. Nesse momento, foi determinado que as cartas deveriam aparecer no texto do trabalho em formato de quadros com o original de um lado e a tradução do outro, para cotejo, com o comentário escrito abaixo em formato de texto corrido. Dessa forma, cada carta, tradução e comentário foram divididos em três seções, nomeadas como *Carta 1*, *Carta 2* e *Carta 3*, respectivamente.

Com esta etapa do trabalho finalizada, partiu-se para a elaboração do texto que veio a compor o trabalho monográfico e cujas partes foram apresentadas na introdução: os aspectos biográficos sobre Geraldine Jewsbury, a contextualização do gênero carta, a metodologia utilizada, a análise da tradução comentada e as considerações finais da pesquisa.

5 TRADUÇÃO E COMENTÁRIO

A coletânea da qual as três cartas analisadas neste artigo foram extraídas registra a correspondência a partir do ano de 1841, momento em que Geraldine ainda não havia escrito seu primeiro romance, *Zoe*. Esta contextualização é importante pois parte do que a motivou a escrever ficção foi justamente a correspondência com Jane Carlyle e os esforços dela para conseguir com que o manuscrito de Geraldine fosse publicado em 1845. De acordo com a introdução escrita pela biógrafa Alexander Ireland (1892), Geraldine sonhava em ser jornalista, não tendo entrado nessa profissão à época da escrita das primeiras cartas, também pelo fato de este ser um campo considerado muito masculino. Ainda assim, por muito tempo, Jewsbury “contribuiu constantemente para o ‘Athenæum’ – com revisões em suas páginas, brandindo sua caneta com força e leveza em várias direções, independentemente de seus próprios livros²” (Ireland, 1892, p. xiii).

A seguir, são apresentadas as cartas selecionadas para este trabalho, com suas respectivas traduções e comentários.

5.1 Carta 1

Quadro 1 – Original e Tradução da Carta 1

LETTER 1	CARTA 1
Saturday, April 15, 1841 DEAREST JANE, — You will think I am possessed by as great a mania for letter-writing as any of Richardson’s heroines, but the fact is, I continue unable to see to do anything but what I feel specially inclined for, and I profit by it to write to you, for the time is coming when I must attend to many things which have only their necessity to recommend them. I think of you very often; indeed, you are scarcely ever out of mind. But I wish I could think of you as strong and well, though then you would no longer be the same person. But I want sadly to know how you are — do write a line, and fill your letter	Sábado, 15 de abril de 1841. MINHA QUERIDA JANE, — Você deve pensar que estou possuída por uma loucura tão grande quanto a de uma das heroínas de Richardson³ para escrever essas cartas, mas a questão é: eu continuo sem conseguir me colocar a fazer qualquer coisa a não ser aquilo que me sinto especialmente com vontade, e me benefico disso escrevendo para você, pois se aproxima o momento em que devo me dedicar às coisas cujo único incentivo é a minha obrigação de fazê-las. Lembro-me de você com frequência; na verdade, você nunca está longe dos meus pensamentos. Porém,

² Tradução minha de: “contribute constantly to the ‘Athenæum’ – reviewing in its pages, and wielding her strong and subtle pen in various directions, independently of her own books”.

³ Samuel Richardson (1689-1761), proeminente escritor inglês conhecido por sua grande habilidade no romance epistolar (Mazzeno, 2022).

about yourself — I am growing really anxious to know how you are going on in every way — mind, body, and **estate**. I did a foolish thing yesterday, **but** it was so pleasant **I can't find in my heart to repent of it**. I went to spend the day with a lady **who** has been very kind to me since I was **shut up**; who has nearly read me through your husband's lectures on **Hero Worship**. She lives at a large pleasant old-fashioned house in a garden with plenty of trees in it (by the way, De Quincey was born there). There was a party in the evening, **and** a sort of 'Masque' acted: it was got up for the holidays last Christmas, but as many of her friends had not seen it they repeated it last night. It would have done credit in all respects to Macready himself. She provided a pair of **queer spectacles** for me, but I obstinately refused to look through such a destroying medium. I have only recently formed a personal acquaintance with her, though I have long known her by reputation for all manner of goodness: she is one you would like, and says things which constantly remind me of you. **She was left a widow about five years since with a family of boys, and** it is quite beautiful to see the way in which she has brought them up. She is a most ardent admirer of your husband, though not just what I should call a disciple; **but she has taken great pains** to influence the minds and habits of all the young men who come to her house and who are her son's companions, and she doses them with your husband's books — by way of giving them right feelings and so forth. She is a Christian by way of belief, and I dare not say a great deal to her that lies in my heart, but she has a fine mind and fine feelings, and she is an acquisition to be very thankful for. She said something the other day that struck me. We were talking of women, and I said 'the sufferings of any individual woman, however great, seem to be absorbed in that of her sex,

desejava que eu pudesse lembrar-me de você estando bem e saudável, mas assim já não seria mais a mesma pessoa. Infelizmente, **porém**, quero saber como você está — **escreva pelo menos uma linha, e** preencha toda a carta de você — estou ficando bastante ansiosa para saber como está indo em todos os sentidos — mente, corpo e **temperamento**. Fiz uma bobagem ontem, **mas** foi tão agradável que **não consigo encontrar em meu coração razões para arrependimento**. Fui passar o dia com uma dama que foi muito gentil comigo desde que **fui confinada**; a qual quase leu para mim as palestras de seu marido sobre o **culto aos heróis**⁴. Ela mora em uma agradável residência, grande e antiga, que fica em um jardim cheio de árvores (a propósito, De Quincey⁵ nasceu lá). Houve uma festa ao entardecer, e uma certa 'Mascarada' foi encenada: ela foi exibida durante as festividades no último natal, mas como vários dos amigos dela não haviam visto, eles a reencenaram ontem à noite. Teria uma homenagem em todos os aspectos ao próprio Macready⁶. Ela me providenciou um **monóculo**, mas me recusei a assistir através desse meio tão aflitivo. Apenas recentemente construí uma afinidade pessoal com ela, apesar de tê-la conhecido há muito tempo por sua reputação generosa em todos os sentidos: ela é alguém de quem você gostaria, e diz coisas que constantemente me lembram de você. **Ela ficou viúva há cerca de cinco anos, deixada para cuidar de uma família de garotos**, e é muito bonito de ver a forma que os criou. Ela é uma admiradora fervorosa do seu marido, mas não a chamaria exatamente de discipula; **porém**, ela **se esforçou bastante** para influenciar a mente e os hábitos de todos os jovens que visitavam sua casa e que se relacionavam com seus filhos, oferecendo a eles os livros do seu marido — de forma a mostrar-lhes concepções corretas e assim por diante. Ela é cristã na

⁴ *Hero Worship*, conceito central na obra de Thomas Carlyle *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History*.

⁵ Thomas De Quincey (1785-1859), escritor e ensaísta britânico.

⁶ William Charles Macready (1793-1873), proeminente ator e contrarregista inglês conhecido por suas contribuições significativas ao teatro do século XIX (Marsh, 2023).

and the sufferings of women seem not to be recognised as altogether the legitimate evils of life. Providence does not seem to count them as items in the troubles it imposes on the world, to take no account of them.’ She said, ‘all must be made perfect through suffering, and a woman’s **trials** are appointed through her affections: it is only through them that she is capable of suffering, at least I think so’ — but you will be tired of hearing so much of one you do not know. (Monday morning.) I was **half in hopes** of a letter from you yesterday, but instead there came one from an estimable young damsel of my acquaintance, who sends me word that **by way of** a winter occupation she has been reading half a dozen of the stiffest Greek plays in the original! besides **getting through** any number of volumes of tough Puritan divinity!! and several others items equally ponderous. Well, my dear, it is certainly a great credit to one to have such virtue exemplified by one’s acquaintances, and I have a great notion that old orthodox doctrine of ‘**imputed virtues**’ is correct. I can’t help feeling as if I had deserved a good child’s reward myself when any of my friends do right! Is there any hope of seeing Carlyle on his way home? or is there any prospect of your coming through Liverpool this year? I am not going to fill my letter with what I think about those glorious lectures, because I have some questions to ask him, and I can say it then — you would smile if you knew what is **at the end of my pen** to say, but it would not be in mirth, and I ought to have learned, by this time, that we know not what we do when we envy; but **to tell you the truth**, I did for a few minutes feel there was something very dazzling in **bearing** the name you **do**! Now don’t misunderstand — and think what I should not wish you to think! **Walking in a triumph must needs be dazzling**. It is well for a woman to be, as it were, absorbed, just in proportion to the intenseness of her passion, though **every thought, feeling, and power of intellect is called into perfection**, in order that it may be an offering to the one she has made her idol! A woman cannot, in her turn, be to the man

forma de acreditar e eu não me atrevo a dizer a ela várias coisas que guardo em meu coração, mas ela possui um bom gênio e uma boa consciência, e é uma aquisição a quem sou muito grata. Ela disse algo no outro dia que me tocou. Falávamos sobre as mulheres, e eu disse “os sofrimentos de qualquer mulher individualmente, por maiores que sejam, parecem ser absorvidos pelo seu sexo, e os sofrimentos das mulheres parecem não ser reconhecidos totalmente como males legítimos da vida. A providência não parece reconhecê-los como elementos nas aflições que ela impõe ao mundo, já que não os leva em consideração.” Ela disse, “tudo deve tornar-se perfeito através do sofrimento, e as **provações** de uma mulher são designadas a partir de seus afetos: é apenas a partir deles que ela se torna capaz de sofrer, pelo menos é o que penso” — mas você irá se cansar de ouvir tanto sobre alguém que não conhece. (Segunda de manhã) eu **quase esperava** receber uma carta sua ontem, mas ao invés disso encontrei a de uma estimada jovem dama que conheço, me dizendo que **como forma de** se ocupar no inverno, ela esteve lendo meia dúzia das peças gregas mais longas no original! Além de **superar** uma infinidade de teologia puritana rigorosa!! E diversos outros tópicos de reflexão semelhantes. Então, minha querida, é muito significativo para alguém ter essa particularidade de virtude exemplificada por aqueles que conhece, e eu tenho uma forte noção de que a antiga doutrina ortodoxa de “**justiça imputada**” está correta. Não consigo evitar sentir como se eu merecesse um prêmio de boa garota sempre que meus amigos agem corretamente! Há esperança de ver Carlyle em seu retorno a casa? Ou há algum prospecto de você vir a Liverpool neste ano? Não vou encher minha carta de tudo que penso sobre aquelas palestras brilhantes, porque tenho perguntas para fazer a ele, e posso questioná-lo depois — você iria rir se soubesse o que tenho a dizer **na ponta da língua**, mas não seria de alegria, e eu já devia ter aprendido que não sabemos o que fazemos quando sentimos inveja; mas **para dizer bem a verdade**, por alguns minutos

all that he is to her — she cannot (except in rare cases) be **the first and last object of life** to him. All the great business affairs of the world must get themselves transacted by men, and only occupation that comes by necessity — and not, as a woman's occupation does, from a voluntary setting about something to avoid idleness — will prevent the most desperate devotion and the most sublime affection from being other than secondary to the daily grand business affairs which keep society in shape and going. Added to which, **a man** does not, in a general way, understand our refinements in the matter of love; owing to our having little real occupation, our own female **branch** of the subject has been much more highly **cultivated** and comes to greater perfection than with men; **we love with a desire to give them pleasure — they love us to please themselves**. A man who has had *le plus grand succès* among women, and who was the most passionate and poetically refined lover in his manners and conversation you could wish to find, once said to me in a fit of truth (he was in a fit of remorse for circumstances I well knew, so he had no reason to pretend, and keep up appearances to me — I will tell you the tale some day): 'But I can form no idea of what women mean by those refined notions of theirs. I like a woman to love me in that way, but I do not in the least understand it. There is nothing but passion, more or less refined, in a man's love for a woman, let him talk as he will, and don't you be ready to believe any man who says the contrary.'

So, my dear, let us look our lot boldly in the face at once; if it has been given us to love — for it is not every woman who receives that terrible gift — let us submit without vain struggling as to the conditions. It brings suffering as surely as life brings death! We shall have no reward except what **our own soul** gives us. We can never be for a continuance to the one we love what they are to us, and it is very uncertain that we may die when all that has made our **life worth**

senti que havia algo muito fascinante em **sustentar** o nome que você **carrega**! Agora, não me entenda mal – e não pense o que eu não quero que você pense! **Viver com um ar de triunfo certeza deve ser adorável**. É bem feito que uma mulher esteja absorvida, como estava, na mesma proporção da intensidade de sua paixão, apesar de **todo pensamento, sentimento e força de intelecto ser levado à perfeição**, de forma que se tornem uma oferenda a quem ela fez de ídolo! Uma mulher não pode, por sua vez, ser para o homem tudo que ele é para ela – ela não pode (exceto em casos raros) ser para ele **a primeira e última razão de viver**. Todas as grandes atividades de negócios do mundo devem ser realizadas por homens, e só a ocupação que se manifesta pela necessidade – e não, como acontece às ocupações das mulheres, por uma atenção voluntária a algo para evitar o ócio – irá prevenir a devoção mais ferrenha e a afeição mais sublime de serem outra coisa além de menores em relação às grandiosas atividades de negócios da vida diária que mantém a sociedade nos trilhos e progredindo. Além disso, **os homens**, de maneira geral, não entendem o nosso requinte em relação às questões do amor; por causa de termos pouca ocupação real, os **ramos** do conhecimento feminino sobre esse assunto foram muito mais bem **cultivados** e alcançam uma perfeição maior do que os dos homens; **nós amamos com o desejo de satisfazê-los – eles amam para satisfazer a si mesmos**. Um homem que fez *le plus grand succès*⁷ entre as mulheres, e que foi o amante mais apaixonado e mais poeticamente requintado em seus modos e assuntos que alguém poderia encontrar, uma vez me disse, em um surto de honestidade (ele estava em um surto de remorso por situações que eu conhecia bem, então não havia razão para ele fingir e manter as aparências para mim – irei te contar a história algum dia): 'Mas eu não consigo entender o que as mulheres querem dizer com suas noções refinadas. Eu gosto que uma mulher me ame dessa forma, mas não a entendo nem

⁷ Do francês: grande sucesso.

living is gone. It takes a great deal of misery to kill; in all this we fulfil our destiny, and we form no unimportant link in the economy of life. It may be that we women are made as we are **in order that they may in some sort fertilise the world**; their passionate affection, and their devotedness, though it brings no good to themselves, yet goes far towards making the world at large a better and more supportable place, and prevents its being altogether a ‘den of cruelty and fierce habitations.’ Do not all religions seem to **shadow forth** an occult law of nature in the notion (common to all) of vicarious sacrifices — the few suffering, undeservedly, to benefit the many? We shall go on loving blindly, and making our very souls as the ground for them we love. And yet, after all, let us not forget that **they who** cause this suffering are only acting according to their nature, and are not altogether to be blamed; they take and make use of what we give, and bring forth the effects in some other shape; we centre in them they centre in what is exterior and lies without them, and those things of the world which they consider of importance, and for which they weary and waste themselves, likewise bring no return to them, but work on to some end which we do not yet discern. We shall go on loving, they will go on struggling and toiling, and **we are alike mercifully allowed to die** — after a while.

I don’t know whether you will agree with this, and I cannot see to argue, for my eyes are very bad and painful. Do write, please. Did you receive a long letter, and a little picture I sent you soon after I got home? Poor dear **** is rather better, I am thankful to say. Take care of yourself. How is Mr. Carlyle? Will you give my love to him, and believe me, dearest, your most faithful and affectionate,

G. E. Jewsbury.

You will be just blinded in trying to make this out. Kind regards to ****.

um pouco. Não há nada além de paixão, mais ou menos refinada, no amor de um homem por uma mulher, não importa o que ele diga, e você que não acredite em um homem que afirme o contrário.’

Então, minha querida, vamos encarar de frente e corajosamente a nossa circunstância; se foi nos dado o amor – pois não é toda mulher que recebe este terrível dom – vamos nos submeter sem esforços vãos às suas condições. Ele traz o sofrimento da mesma forma que a vida traz a morte! Não devemos receber prêmios além daqueles dados pela **nossa alma**. Nunca poderemos ser, continuamente para aqueles que amamos o que eles são para nós, e é bastante incerto que iremos morrer apenas quando tudo o que fazia nossa **vida valer a pena** tiver ido embora. É necessária uma grande quantidade de miséria para matar; a partir de tudo isso, cumprimos nosso destino, e não formamos nenhum laço irrelevante na economia da vida. Pode ser que nós mulheres fomos feitas dessa forma **para que elas pudessem, de algum jeito, fertilizar o mundo**; sua afeição apaixonada e sua devoção, apesar de não trazerem nada de bom a elas mesmas, vão longe para tornar o mundo, em geral, um lugar melhor e mais tolerável, o previnem de ser um completo ‘antro de crueldade e lugares violentos.’ Não são mesmo todas as religiões que parecem **simbolizar** uma lei oculta da natureza na noção (comum a todas) de sacrifício vicário⁸ – os poucos que sofrem, sem merecer, o fazem para beneficiar a maioria? Devemos continuar amando cegamente, e tornando nossas próprias almas o solo para aqueles que amamos. Ainda assim, afinal, não nos esqueçamos que **eles quem** causam este sofrimento apenas agem de acordo com a sua natureza, e não devem ser culpabilizados; eles tomam e fazem uso do que nós oferecemos, e produzem os efeitos em alguma outra forma; nos concentramos neles, eles concentram-se no que é exterior e existe fora deles, e nas coisas que consideram importantes, e pelas quais

⁸ Nas religiões cristãs, a crença de que o sacrifício de Jesus serve como um substituto dos pecados dos seres humanos.

	eles se esforçam e se desgastam, que também não trazem retorno algum a eles, mas funcionam para um objetivo o qual não identificamos ainda. Devemos continuar amando, eles continuarão pelejando e trabalhando, e nós teremos a mesma permissão misericordiosa para morrer – depois de um tempo. Não sei se você irá concordar com isso, e não vejo motivos para discutir, pois minha vista não está boa e meus olhos doem. Escreva, por favor. Você recebeu uma carta longa e uma pequena imagem as quais enviei assim que cheguei em casa? A pobrezinha **** está um pouco melhor, estou feliz em contar. Se cuide. Como está o sr. Carlyle? Envie meu afeto a ele, e confie em mim, querida, sua mais fiel e apaixonada, G. E. JEWSBURY. Você ficará louca tentando decifrar esta carta. Saudações cordiais a ****.
--	---

Fonte: elaboração própria (2026).

A tradução desta carta, assim como das demais que compõem este trabalho, busca transmitir, para os leitores brasileiros atuais, um espelho da sensação dos leitores da coletânea de cartas publicada originalmente em 1889, por Anne Ireland. Desse modo, os aspectos a serem preservados são os que remetem ao teor comunicativo da carta, mas, ao mesmo tempo, que pudessem recriar a atmosfera de segurança criativa que a intimidade da correspondência exerce. Assim, foi possível construir em português o estilo “bagunçado”, meio desconexo, mas cheio de sentimentos e reflexões profundas utilizado por Jewsbury nas cartas que enviava para Jane. Também cabe ressaltar que essas talvez não tenham sido as primeiras cartas enviadas por Geraldine, mas as que foram preservadas e selecionadas por Ireland (1892) para compor a coletânea publicada após a morte de Jewsbury.

Dessa forma, não haveria outro jeito de iniciar este comentário de tradução senão jogando luz ao vocativo utilizado por Geraldine para se referir à Jane: *dearest*, a primeira e maior pedra no sapato desta tradutora durante o percurso do projeto. Este é um cumprimento comum em inglês, para o qual não há correspondente exato em português, uma vez que se trata da junção de *dear* e do intensificador “est”, para criar o efeito de “mais querida”. Assim, consegui enxergar dois caminhos possíveis para superar este obstáculo: preservar o aspecto intensificador com os termos “caríssima” ou “queridíssima” ou o aspecto sentimental, optando por uma substituição do intensificador pelo pronome possessivo “minha” antes do “querida”.

Como foi possível observar, a escolhida foi a segunda opção, pois acredito que ela representa melhor o amor que Geraldine expressa em relação a Jane.

Como apresentado anteriormente, a escrita de Geraldine nas cartas é embaralhada, tocando em vários assuntos desconexos ao mesmo tempo. Isso acontece tanto no início com os assuntos variando entre citar sua semelhança com uma personagem de Richardson, mencionar seus afazeres indesejados e pedir que Jane escreva de volta, pelo menos uma linha. Tudo isso foi possível de refletir no texto traduzido, com as devidas adequações na ordem em que as palavras apareciam nas frases, mas mantendo a característica do uso de vírgulas e conjunções “e”. Além disso, optei por traduzir *think* pelo verbo “lembrar-se”, pois, na frase seguinte, a autora utiliza *mind*, que traduzi por “pensamentos”, expressão mais comum na língua portuguesa do que seus sinônimos. No mesmo sentido, recriei *indeed* como “na verdade” para evitar a repetição sonora de “ment”, como em *certamente* e *pensamento*.

Traduzir a palavra *estate* no contexto em que Geraldine a coloca foi uma experiência bastante interessante em função da sua polissemia. Neste caso específico, acredito que faça referência ao temperamento da interlocutora, pela sua posição na sequência *mind, body and estate*. Já na frase *I can't find in my heart to repent of it*, o problema foi outro: eu queria recuperar o uso da palavra “coração” sem ter achado uma expressão que englobasse todo o sentido da sentença em português; por isso, optei pela recriação em torno do tema central de coração.

Dessa forma, o próximo obstáculo a ser superado foi a expressão idiomática *shut up*. Inicialmente, por causa da falta de contexto, acreditei que precisar corretamente o significado utilizado por Jewsbury no manuscrito original seria impossível. No entanto, por meio de uma pesquisa etimológica simples (Harper, 2026), foi possível descobrir que os primeiros usos da expressão estavam ligados ao sentido de prender, de trancar algo, ou, neste caso, alguém. Por isso se deu a escolha de “confinada”. Por outro lado, para confirmar esta hipótese, voltei-me aos poucos dados biográficos acerca de Geraldine, e este período corresponde a um momento de sua vida no qual suas ações eram limitadas pela sua condição de mulher solteira na era vitoriana da Inglaterra.

No trecho seguinte, Geraldine cita os escritos inspirados por palestras de Thomas Carlyle, marido de Jane, nesta citação ela apresenta o termo em inglês *Hero-Worship*, central na obra historiográfica de Carlyle. Para o autor, “a história da humanidade é definida como a biografia dos grandes homens, cuja maneira de pensar transformou uma determinada sociedade materialmente tanto quanto moral e espiritualmente” (Andrade, 2006, p. 228). Em outras palavras, Carlyle acreditava que havia heróis históricos responsáveis por transformações sociais

e que deveriam ser venerados por seus feitos. Assim, “[o] sentido da História residiria na existência e na busca pela perfeição que se incorporaria na figura de alguns grandes homens” (Andrade, 2006, p. 229).

Também no escopo do gênero epistolar, na tradução foram evidenciados alguns vícios de linguagem de Geraldine, como as repetições da conjunção “e”, para destacar a oralidade presente na correspondência. Assim, dando continuidade à descrição dos acontecimentos anteriores, Jewsbury usa o termo *Masque*, cuja definição segundo o dicionário Cambridge (2026, n. p., tradução própria) é “um tipo de entretenimento teatral que inclui poesia, canto e dança, performado na Inglaterra nos séculos XVI e XVII, especialmente em uma corte real”. Nesse sentido, visto que o termo descrevia um evento específico, realizei uma busca terminológica a partir dos ganchos presentes no conceito, assim cheguei ao termo *mascarada* em português, que descreve o mesmo tipo de encenação dramática.

Nessa mesma linha, Geraldine menciona *queer spectacles*, um objeto para auxiliá-la a assistir ao espetáculo, o qual consistia em uma lente apoiada pela mão ou pelo nariz, pois, como visto anteriormente, a escritora enfrentava alguns problemas de vista. Para traduzir este nome, escolhi monóculo, uma vez que era o mais próximo da descrição do objeto original em português.

Na frase: *she was left a widow about five years since with a family of boys*, optei por reorganizar a ordem das palavras em português, colocando o discurso indireto na segunda parte com a expressão “deixada para cuidar”. Em seguida, traduzi a expressão *has taken great pains* por ‘se esforçou bastante’ recuperar a dedicação descrita por Jewsbury.

Um pouco depois deste trecho, Geraldine escreve um diálogo que teve com sua conhecida em formato de discurso direto, o que recupera a intertextualidade da correspondência. Também nesta parte, um termo acabou ficando ambíguo em inglês: *trials*, o qual, pelo contexto, optei por traduzir como provações.

Também no decorrer da carta, Geraldine utiliza bastante a expressão *by way of*, o que tentei replicar por meio da palavra “forma”. Sobre *half in hopes*, entrei em um dilema acerca de utilizar ou não a palavra ‘metade’, no entanto, acabei optando por recriar na forma de “eu quase esperava”. Tive dificuldade de interpretar a expressão *getting through*, a qual traduzi como superar pelo contexto de passar por um desafio.

Jewsbury cita, em um determinado momento, a doutrina de “*imputed virtues*”, este termo foi um desafio pois demorei a encontrar um jeito de procurar a forma como ele foi convencionado em português. Nesse sentido, voltei-me novamente para os ganchos terminológicos presentes na definição em inglês, que traziam *imputed sin* como o outro lado

das *imputed virtues*, a partir disso, fiz a pesquisa buscando pecado imputado que me fez chegar à justiça imputada em contraposição, no entanto, esta solução fez com que se perdesse a repetição de *virtue* na tradução como virtude, uma vez que a expressão convencionada trazia “justiça”.

Pela própria estrutura do texto epistolar, Jewsbury utiliza diversas expressões idiomáticas, a próxima para a qual foi necessário encontrar um correspondente foi *at the end of my pen*, a qual traduzi por “na ponta da língua”. Além disso, escolhi destacar a oralidade no trecho *but to tell you the truth*, inserindo “para dizer bem a verdade”. Utilizei também da criatividade para traduzir *bearing* duas vezes por dois sinônimos, pois, no original, Geraldine escreve *bearing the name you do*, em que o verbo *do* funciona como sinônimo de *bearing*.

De modo semelhante, foi um processo um tanto quanto trabalhoso traduzir a frase *[w]alking in triumph must needs me dazzling*, pois ela não está de acordo com a norma padrão do inglês e possui uma expressão idiomática, por isso realizei a tradução em duas partes: escolhi “viver com um ar de triunfo” para replicar o efeito idiomático e “certeza deve ser” para manter o trecho fora da norma padrão do português. Também no trecho *every thought, feeling, and power of intellect is called into perfection* há um erro de concordância entre o verbo *is* e os substantivos, o qual decidi refletir por meio de “todo pensamento, sentimento e força de intelecto ser levado à perfeição”.

Por outro lado, no trecho *the first and last object of life to him*, não encontrei uma expressão equivalente em português, o que me levou a optar pela recriação sem me afastar muito do original, gerando “a primeira e última razão de viver”.

Um aspecto bastante recorrente nas cartas de Jewsbury é a troca abrupta de assuntos, criando a impressão de que ela precisava falar sobre tudo no espaço mais curto de papel. Nesse sentido, na parte seguinte da carta ela inicia uma reflexão profunda sobre o papel de homens e mulheres na sociedade, um princípio do que se tornou hoje em dia os debates acerca de papéis de gênero. Por isso, quando ela cita *a man*, optei por generalizar para “os homens” em português. Na esteira desta reflexão, a autora traz uma metáfora com *branch* e *cultivated*, a qual optei por recriar utilizando as palavras “ramos” e “cultivados”. Do mesmo modo, foram utilizadas as palavras *pleasure* e *please* e, de maneira análoga, repliquei o efeito com “satisfazê-los” e “satisfazer”.

Por meio da carta, Jewsbury conta uma história na qual é protagonista, a escrita da correspondência compunha um papel essencial no seu cotidiano, justamente pela aproximação e amizade com Jane. Também nesse escrito, Geraldine conversa bastante sobre o amor, o amor das mulheres, o amor dos homens, o amor pela leitura e o amor por Jane. É nesta parte da

reflexão que estão presentes os trechos *our own soul*, o qual repliquei como “nossa alma” no singular, *life worth living*, que ficou “vida valer a pena”. Também nesta parte do texto, escolhi substituir o *they* em *in order that they may in some sort fertilise the world*, por “elas”, para me referir exclusivamente às mulheres.

Em seguida, ainda neste trecho, Geraldine utiliza a expressão *shadow forth*, a qual substitui por simbolizar, uma vez que o original seria sinônimo deste. No entanto, com a presença da palavra *shadow*, o que implica este simbolismo em si é oculto nas sombras, além de representar uma profetização em relação ao futuro. Também nesta parte, optei por não abrir mão do plural em *they who cause this*, uma vez que “eles quem”, por mais que pareça estranho, demonstra o contraste presente entre *that* e *who* e “que” e “quem”. Já no trecho *we are alike mercifully allowed to die*, troquei o presente *are* pelo futuro, pois é o que faz mais sentido considerando o início da frase.

Assim, chegamos ao final das considerações acerca do processo de tradução da primeira carta. Diversos desafios foram pontuais e pude perceber algumas características específicas do gênero e da escrita de correspondência de Jewsbury, como referências intertextuais, uso frequente de expressões idiomáticas, troca de assuntos, trechos narrativos e de reprodução de discurso direto, além dos vícios de linguagem.

5.2 Carta 2

Quadro 2 – Original e Tradução da Segunda Carta

LETTER 2	CARTA 2
Friday—Monday (Postmark, April 19), 1841 Dearest Jane, —I don’t know that I have anything to tell you, specially worth writing down. But my eyes are still too weak to allow me to read; writing does not try them so much, and you are the only person I feel tempted to talk to just now! What would I have given to be with you this last week! though, after all, quietness and rest were the best things for you. Still, I would have liked to join my rest to yours, for I also have attained to the ‘Giaour’s’ beatitude, and feel just now uncertain whether I am alive or dead! Lying on a sofa as I am, half dreaming, half dozing, in a light that is neither light nor darkness — except for occasional twinges of	Sexta – Segunda (Carimbo postal, 19 de abril, 1841. Minha querida Jane, – não sei se tenho algo a dizer, especialmente que valha a pena escrever. Meus olhos ainda estão tão fracos que me impedem de ler; escrever não é tão difícil quanto, e você é a única pessoa com quem me sinto tentada a conversar neste momento! O que eu não teria feito para estar com você nesta última semana! Entretanto, afinal de contas, o silêncio e o descanso foram as melhores opções para você. Ainda assim, eu gostaria de ter unido o meu descanso ao seu, pois também alcancei a

recollection I should have altogether attained to a highly pacified and vegetative state, which will be changed, perhaps not for the better, so soon as I can bear the light of day. This was to have been a gay week. I was engaged to two grand parties — not fine, stilted ‘**conversation affairs**,’ but regular unsophisticated dances! — and I was obliged to **send back-word** to both. I had rather **set my heart on** one of them, at the house of one of the nicest women I know down here. It is a German family; and she is such a charming, natural, kind-hearted creature, just **cultivated up (to) the most agreeable point**, and stops short of any pretensions! Only to think what harlequinade tricks fate sometimes plays one! The other day Mr. **** sent up word by my brother that he was in town, and should come up to see me. He has not been since our memorable conversation; and whilst I was rather wondering what turn things would take this time, there arrived, not him, but a most sober and reputable **matron** of my acquaintance, who came, she said, ‘just to teach me how to net,’ thinking that it would be a **nice amusement** for me now that I could not see to read or work! and she stayed all afternoon. **** did not come at all for some reason or another, and on the whole I was not sorry, for seeing him now is like the meeting of two ghosts on the other side Styx. Each has been connected so strangely with the history of so many feelings and incidents, which at the time seemed as if their memory could never **pass away**. And what has been the end of so much passionate suffering, so much love which all the parties thought would endure for ever? The woman he loved so madly — of whom he declared (to one he trusted) that he would rather obtain her friendship even, than have possession of her whole sex — died of a broken heart, or, rather, of a cancer, which Sir Astley Cooper said had been brought on by grief and anxiety of mind. She was a fine creature. I never saw her but once; but I heard of her from many

beatitude ‘de Giaour’⁹ e me sinto, neste instante, sem saber se estou viva ou morta! Deitada em um sofá como estou, metade sonhando, metade cochilando, sob uma luz que não é clara nem sombria — exceto por eventuais pontadas de consciência, eu já deveria ter alcançado por inteiro um estado vegetativo altamente pacífico, o que irá mudar, talvez não para melhor, assim que eu conseguir aguentar a luz do dia. Esta deveria ter sido uma semana alegre. Participei de duas grandes festas — não ‘**círculos de conversa**’ pomposos e refinados, mas espaços de dança comuns e sem sofisticação — e fui compelida a **enviar respostas** às duas. **Meu coração já havia se decidido** por uma delas, na casa de uma das mulheres mais agradáveis que conheço por aqui. A família é alemã; e ela é uma criatura tão singelamente encantadora, além de ter um bom coração, **educada exatamente a(à) forma mais agradável**, e evita qualquer tipo de pretensão! Só de pensar que às vezes o destino prega essas peças de arlequim! Outro dia, o sr. **** pediu para meu irmão avisar que ele estava na cidade, e viria me visitar. Ele não vinha desde a nossa conversa memorável; e enquanto eu me perguntava como as coisas iriam se desenrolar desta vez, chegou, não ele, mas uma **matrona** conhecida, bastante sóbria e respeitável, que veio, segundo ela, ‘apenas para me ensinar a costurar’, pensando que seria uma **boa distração** agora que eu não conseguia ler nem trabalhar! E ela permaneceu durante toda a tarde. **** não apareceu por algum motivo qualquer, e no mais, não lamentei, pois vê-lo agora seria como o encontro de dois fantasmas do outro lado do Estige¹⁰. Cada um esteve estranhamente conectado pela história de tantos sentimentos e incidentes, o que, na época, fez parecer como se a memória de cada um nunca fosse **perecer**. E qual foi o fim desse sofrimento tão intenso, desse imenso amor que todas as partes pensaram que iria prevalecer

⁹ Personagem de Byron. Inspirado em um conto do folclore turco, se refere a um personagem não muçulmano, comumente cristão.

¹⁰ “Rio que separava os mortos dos vivos na mitologia grega” (Costa; Soares, 2015, p. 635).

quarters, and from those who knew her best. She was married to a man who did not care for her, and she, till she met ****, did not know what affection meant. His own testimony, and the way he spoke of her to me (that time we had our conversation), was enough to absolve her from all censure except the deepest commiseration. Her sister (who knew nothing of the matter) said, after her death, that she used to sit for hours gazing on the wall without seeing anything or speaking a word. **When asked**, What are you thinking about? — ‘Oh, many things; don’t talk to me!’ He, for whom she had risked everything — very soon after he had obtained everything — began to grow, not indifferent exactly, but **satisfied**. **Unfortunately for her, she** and her husband were obliged to leave this country; in absence she lost her influence over him. In a very short time he forced her to break with him; he married for *convenience*, and is now the father of a family, is a respectable man, and in prosperous circumstances. Since her death he professes, to those who knew the facts, bitterly to regret the past; but it is somewhat dubious whether these brave sentiments are real, or **assumed** as a piece of his respectability.

I, who was a bystander, have the recollection of the faith I then had in his good qualities, **and** the strong feeling I had for him, **and** the firm belief in his chivalrous, honourable dealing towards her, **and** the undoubting trust in her submission to duty, honour, **and** so forth. I did believe, then, in many fine things, **and** even now I only doubt their durability, or rather it now seems unreasonable to expect **high-pressure efforts except from a steam-engine, and** even that wears out; **and** why should we regret that things are so constituted? The fact of all that is worth having, **and** even life itself, being precarious, gives it a value beyond its own, **and** those who have an eternity to **trust to**, little know the desperate tenacity of those who have to make the most of Time! I cannot explain to you the

eternamente? A mulher que ele amou tão loucamente – de quem ele declarou (a alguém em quem confiava) que preferiria obter apenas a amizade do que possuir todo o seu sexo – morreu de coração partido, ou, melhor dizendo, de um câncer que, segundo Sir Astley Cooper¹¹, foi devido ao luto e à sua mente ansiosa. Ela era uma bela criatura. Eu a vi apenas uma vez; mas ouvi falar dela de várias pessoas, e daquelas que mais bem a conheciam. Ela se casou com um homem que não se importava com ela, e, até que conhecesse ****, não sabia o verdadeiro significado do afeto. O próprio testemunho dele, e a forma que contava a mim sobre ela (quando tivemos a nossa conversa), foram suficientes para absolvê-la de toda censura exceto a mais profunda comiseração. A irmã dela (que não sabia nada sobre o assunto) disse, depois de sua morte, que ela costumava ficar sentada por horas encarando a parede sem ver nada e sem falar nem uma palavra.

Quando perguntavam: Sobre o que está pensando? – ‘Ah, várias coisas; não fale comigo!’ Ele, por quem ela havia arriscado tudo – logo depois que ele obtivera tudo – começou a ficar, não indiferente, na verdade, mas **acomodado**. **Infelizmente para ela**, junto de seu marido teve de deixar este país; e na sua ausência perdeu a influência que tinha sobre ele. Após um curto período, ele a forçou a terminar o caso; ele casou-se por *conveniência*, e agora é pai de uma família, é um homem respeitável, e tem uma condição próspera. Desde a morte dela, a aqueles que sabiam dos fatos, ele declara se arrepender amargamente do passado; mas é de certo modo ambíguo se esses sentimentos valentes são reais, ou se são **presumidos** como parte de sua respeitabilidade.

Eu, que era espectadora, tenho a lembrança da fé que colocava então em suas boas qualidades, e na forte consideração que eu tinha por ele, e na firme crença de sua relação cavalheiresca e honrosa com ela, e na confiança incontestável na submissão dela ao dever, à honra e assim por diante. Eu acreditava, na época, em várias coisas boas, e

¹¹ Aclamado cirurgião em sua época, com vários feitos no campo da medicina (Doganay, 2015).

superstitious value I set on those I ever love, **and** the sort of religious feeling with which I try to guard every word or thought which might raise a shade between us.

No, my dear, you must first have no hope of anything beyond this world, before you can know how very precious is **a friend** we really love. This letter has been written *à plusieurs reprises*, for my eyes are rather worse, if anything, to-day than they were this day week, so that now I can hardly write, and what is to become of me I don't know!

I have more time for thinking than is at all agreeable. All this while I have never thanked you for your letter — it made me feel very sad. Those efforts after strength are weary things, and I doubt whether they do much good. They go to exhaust what strength we may possess. On the whole, I cannot help thinking it is the wisest to let ourselves be drifted along. Time brings quiet and strength naturally; in fact, the very change he works in us and in our feelings is equivalent to strength. There are two lines in Coleridge's translation of 'Wallenstein' that haunt me from morning to night, and have done so ever since I began to know what endurance meant. 'What pang is permanent with man? From the highest as from the vilest things he learns to wean himself, and the strong hours conquer him!'

If you will, from time to time, send me word how you go on, it will be a great favour. Just now I am especially anxious to hear from you; if you cannot guess why, I won't tell you. Do not plague yourself to write long letters, but say how you are in every way; patronise the pronoun 'I' as much as I do myself! Never mind telling me anything, except inasmuch as it affects or interests you! I have not said a tithe of what I have thought of when lying on the sofa. You little know the comfort it is to me to have you to think of, nor how much I think of you. If you take an interest in my friend ****, she is rather

mesmo agora eu duvido apenas de sua durabilidade, ou melhor, agora parece irracional esperar **esforços intensos exceto de máquinas a vapor**, e até elas se desgastam; e por que deveríamos nos lamentar pelas coisas estarem constituídas assim? O fato de tudo que vale a pena se ter, e mesmo a vida em si, serem precários, lhes dão um valor além de si mesmos, e aqueles que têm uma eternidade para **se apoiar** pouco sabem sobre o desespero persistente daqueles que aproveitam o Tempo ao extremo! Não consigo explicar a você o valor supersticioso que coloco naqueles que amo, e o tipo de sentimento religioso com o qual tento vigiar cada palavra ou pensamento que possa criar uma sombra entre nós.

Não, minha querida, você não deve, a princípio, esperar por nada além deste mundo, antes de poder conhecer o quão preciosa é **uma amiga** que realmente amamos. Esta carta foi escrita *à plusieurs reprises*¹², pois os meus olhos estão bem piores, aliás, hoje piores do que nos outros dias da semana, de forma que agora eu mal consigo escrever, e o que será de mim já não sei!

Tenho mais tempo para refletir do que o que seria aceitável. Durante todo esse período não a agradei pela sua carta – ela me fez sentir muito triste. Esses esforços buscando por força são uma tarefa cansativa, e duvido que eles façam bem. Eles servem para exaurir a pouca força que possamos ter. Em geral, não consigo evitar pensar que o mais sábio é deixar com que sejamos levados. O tempo traz silêncio e força naturalmente; na verdade, a própria mudança que ele produz em nós e em nossos sentimentos é equivalente a força. Há duas passagens na tradução de Coleridge¹³ do 'Wallenstein'¹⁴, que me perturbam dia e noite, e o fazem desde que comecei a entender o significado de resistência. 'Qual angústia é permanente para o homem? Tanto das coisas mais

¹² Do francês: várias vezes; repetidamente.

¹³ Samuel Taylor Coleridge (1772-1834) foi um influente poeta, crítico e filósofo inglês, reconhecido por suas contribuições ao movimento literário Romântico (Aubrey, 2023).

¹⁴ *The Death of Wallenstein: a tragedy in five acts*, de Frederick Schiller.

better, at least was last Tuesday. She had a scheme in her head which had quite roused her. Heaven only knows whether it will prove wise and feasible, but even the power of hoping is no small blessing to her!

She did talk of going to the seaside in a few weeks, and it was settled that I should go with her when she went, but all is yet in a state of uncertainty.

Is your husband returned from his excursion?

I heartily hope he will be the better for it.

Will you give my love to him? He has had splendid weather. So soon as I have eyes to see to write a reputable letter, there are several knotty points I want him to solve for me, but I cannot venture to send him the sort of scrawl I bestow on you. 'Les sept cordes' are waiting for me at the bookseller's, I expect, but they will not get touched yet awhile, hélas! I am too cross this morning to write any more. I am in an ill humour with my doctor, too, which is almost as bad in a patient as it would be for a hungry man to quarrel with his bread and butter! Offer my respects to your brother-in-law, and you may tell him that I have about as little to contend with as a young woman of '**my sort**' could hope to find anywhere. To the immortal credit of all the people here be it spoken, they take me as I am, which is a great virtue in my eyes of course; and then they hang up Nymphs, and Cupids, and Psyches, &c., &c., in their dining-rooms, so that, 'sans peur et sans reproche,' as I told you before, I have said ten thousand things to you in my own mind which are not written in this letter. I wish you were here to-day. An individual I once named to you is coming here this evening. It is well for us that we cannot solve all the problems presented to us in this world; for my own part, I am quite reconciled that my heart should be deceitful sometimes. I don't want to know the truth of what it means, and if 'Job' had been a wise man he would

benévolas quanto das mais vis ele aprende a se desvencilhar, e o tempo final o encontra!¹⁵.

Se você quiser, de vez em quando, envie-me um recado de como andam as coisas, será um grande favor. Agora mesmo, estou especialmente ansiosa para ouvir de você; se não consegue adivinhar o porquê, não irei te falar. Não se obrigue a escrever cartas longas, mas conte-me como está em todos os aspectos; monopolize o pronome 'eu' tanto quanto eu mesma o faço! Não se incomode em me contar nada, a não ser namedida que lago te afete ou interesse. Eu não disse nem uma fração do que pensei enquanto me deitava no sofá. Você mal sabe como é reconfortante para mim ter você para pensar, nem do quanto penso em você. Caso se interesse na minha amiga ****, ela está bem melhor, pelo menos estava na última terça. Ela tinha um plano na cabeça que a animou bastante. Só os céus sabem se ele irá se provar sábio e viável, mas mesmo o poder da esperança não é uma benção pequena para ela!

Ela até falou sobre viajar para o litoral daqui a algumas semanas, e foi decidido que eu deveria acompanhá-la quando ela fosse, mas isso tudo ainda é incerto.

Seu marido já retornou da excursão?

Espero de coração que ele esteja melhor por causa disso.

Você poderia transmitir o meu afeto a ele? Ele teve um momento esplêndido. Assim que meus olhos melhorarem para eu conseguir escrever uma carta respeitável, há vários pontos complicados que quero que ele resolva para mim, mas não posso me atrever a enviar para ele o tipo de rabisco que ofereço a você. 'Les sept cordes'¹⁶ esperam por mim na livraria, eu espero, mas não serão tocadas por enquanto, hélas!¹⁷ Estou muito irritada esta manhã para escrever mais. Também estou aborrecida com o meu médico, o que é quase tão ruim para uma paciente quanto

¹⁵ 'What pang is permanent with man? From the highest as from the vilest things he learns to wean himself, and the strong hours conquer him!'

¹⁶ Provável referência ao livro *Les sept Cordes de la lyre*, de George Sand.

¹⁷ Do francês: infelizmente.

never have asked the question. Give my remembrances to ****, your damsel, and believe me, most affectionately yours,

G. E. J.

P. S. — I began a little tale called the ‘Lune de Lait’ in one of your French newspapers. Could you spare me some of the succeeding numbers to finish it? for I took great interest in it. I will return them by post — if it is not convenient, never mind, however.

seria para um homem faminto discutir com o pão e a manteiga! Ofereça meu apreço ao seu cunhado, e pode dizer a ele que eu tenho tão pouco para enfrentar quanto uma jovem mulher da ‘**minha laia**’ poderia esperar encontrar em qualquer lugar. Para o crédito imortal de todas as pessoas aqui esteja dito, elas me aceitam como sou, o que é uma grande virtude a meu ver, é claro; e então ela penduram Ninfas, e Cupidos, e Psiquês *etc.* *etc.* em suas salas de jantar, para que, ‘sans peur et sans reproche¹⁸’, como eu te disse antes, eu falei dez mil coisas a você na minha cabeça que não estão escritas nesta carta. Queria que você estivesse aqui hoje. Um indivíduo sobre quem comentei com você virá aqui nesta noite. É bom para nós que não consigamos resolver todos os problemas que nos aparecem neste mundo; de minha parte, estou tranquila que o meu coração deva ser traiçoeiro às vezes. Não quero saber a verdade do que isso significa, e se ‘Jó’ tivesse sido um homem sábio, ele nunca teria perguntado. Dê minhas lembranças a ****, sua donzela, e acredite, sua mais amorosa,

G. E. J.

P.S. – Eu comecei um conto chamado ‘Lune de Lait’ em um dos seus jornais franceses. Poderia me emprestar algumas das próximas edições para terminá-lo? pois eu fiquei bastante interessada. Irei devolvê-las pelo correio – no entanto, se não for conveniente, não se preocupe.

Fonte: elaboração própria (2026).

Como visto nesta e na primeira carta, alguns nomes de pessoas estão censurados, isso se dá em função da data de publicação da coletânea de cartas, muito próxima da morte de Geraldine, quando algumas das pessoas mencionadas ainda estavam vivas e deveriam ter suas identidades preservadas. A segunda carta, registrada no dia 19 de abril do ano de 1841, é iniciada pela forma comum utilizada por Geraldine para se referir a Jane: *dearest*. Assim, o desafio aqui se mostrava não mais fácil, mas de certa forma familiar, a escrita epistolar de Geraldine já não era algo desconhecido. A autora utiliza o início da carta para demonstrar algumas de suas preocupações em relação a Jane, além de expressar o seu interesse em se

¹⁸ Do francês: sem medo e sem reprovação.

aproximar da amiga. Nesse momento, o uso de expressões idiomáticas também é frequente, como no texto anterior, sendo a mais interessante *what would I have given* para simbolizar do que ela teria desistido ou aberto mão para alcançar seu objetivo; nesse caso, optei por traduzir como ‘o que eu não teria feito’, mais comum em português.

Posteriormente, na parte em que Geraldine narra os acontecimentos de seus dias, apareceram mais alguns obstáculos. Os primeiros sendo *conversation affairs* e *send back-word*, os quais optei por traduzir como “círculos de conversa” e “enviar respostas”, respectivamente, com base em uma ponderação demorada e por ter pesquisado e não ter encontrado nada que indicasse algum significado específico para essas palavras juntas; nesse caso, círculos de conversa aparece como uma oposição a festas, enquanto enviar respostas faz referência ao ato de entrar em contato trazido por *send back-word*. Também nesse trecho, Geraldine utiliza a expressão *set my heart on*, a qual optei por traduzir como ‘meu coração já havia se decidido’, para manter a referência a coração uma vez que não conseguiria substituir por outra opção como ‘quando coloco algo na cabeça’ em função do contexto.

Outro trecho que me chamou a atenção, em seguida a este, foi *cultivated up (to) the most agreeable point*, pois deixa a impressão de que Jewsbury estaria em dúvida acerca da regência verbal de *cultivated*, o que decidi replicar com ‘a(à) forma’.

A partir desse ponto, não foram tantas as dificuldades, mas houve momentos específicos memoráveis do trabalho de tradução. Por exemplo a aparição do termo *matron*, que troquei pelo cognato ‘matrona’. Além disso, em *nice amusement*, para o qual havia várias escolhas de tradução em português, como distração, passatempo ou atividade, acabei optando pela primeira. Também neste trecho, Geraldine menciona um problema já mostrado tanto na introdução à coletânea de cartas escrita por Alexander Ireland (1892), quanto no ensaio composto por Virginia Woolf, que é um incômodo nos olhos, o qual a impede de se debruçar por muito tempo em atividades relacionadas à leitura e à escrita.

Por outro lado, na continuação desta parte, ela descreve sua relação com um amigo que deveria visitá-la, assim como narra a história da mulher por quem ele era apaixonado. Similarmente à primeira carta, esta é composta de diversos estilos de escrita, como os monólogos sentimentais, a descrição da rotina, o discurso direto e a narrativa. Neste trecho, tive problemas com *pass away* para se referir à memória, por ser um eufemismo para morrer; optei, então, por traduzir como perecer, que traz o sentido de fim da vida, ao mesmo tempo em que funciona como sinônimo de morrer e não causa tanta estranheza ao fazer referência à memória.

Na parte de narrativa, não havia trechos específicos para aparecerem no comentário; houve uma troca de pontuação que eu pensei ser necessária no português: uma vírgula (,) por

dois pontos (:) antes de um trecho de discurso direto. Além disso, optei por manter a ambiguidade existente acerca dos dois homens envolvidos na história, o que foi feito de uma forma mais subjetiva no texto também porque essa ambiguidade existe em inglês.

Traduzi *satisfied* por ‘acomodado’, pois a palavra cognata em português não carrega a carga negativa que existe na língua inglesa do adjetivo. Também neste momento, precisei adequar a frase *unfortunately for her, she*, para evitar a repetição do pronome. Além disso, na última frase deste parágrafo, a autora utiliza *assumed*, termo sobre o qual fiquei em dúvida se traduzia por presumível ou presumidos; acabei escolhendo a segunda opção.

No parágrafo seguinte, ressurgue uma característica bastante presente nas cartas de Geraldine, que é o uso constante da conjunção *and*; decidi, portanto, preservar este vício, traduzindo todas por ‘e’. Outro trecho interessante é aquele em que Jewsbury cita *high-pressure efforts except from a steam-engine*, uma analogia que decidi por manter nos mesmos termos na tradução, utilizando ‘esforços intensos exceto de máquinas a vapor’.

Durante esta mesma reflexão aparece o *frasal verb trust to*, que é sinônimo de *rely on*, assim, pelo contexto da frase, meu pensamento foi construir algo a partir de ‘se apoiar’. Além disso, pensando na questão de flexão por gênero no português, algumas referências ambíguas, como *friend*, foram traduzidas para o feminino. Assim como palavras que possuíam supostos erros ou não estavam de acordo com a norma padrão foram traduzidas de forma que o efeito permanecesse.

Uma expressão utilizada por Jewsbury nos trechos finais foi uma das mais chamativas no processo tradutório: *my sort*, uma pequena expressão que abre portas para o que era viver como uma mulher que se especializou no trabalho editorial no século XIX, ao mesmo tempo em que deveria cumprir determinadas expectativas sociais de sua posição. A melhor forma possível de traduzir esta descrição foi utilizando ‘minha laia’, carregando a carga certa transmitida pela provocação feita na carta original.

Partindo para a conclusão, como é comum das cartas analisadas, Geraldine faz um apelo a Jane pedindo que ela envie mais correspondências contando de sua vida, justificando que está especialmente ansiosa para saber dela. São nestes momentos que a afeição de Geraldine fica mais palpável, além de seu apreço pela leitura e pela conversa com Jane apresentado por meio das cartas.

Já no último parágrafo, Geraldine faz as devidas despedidas, menciona brevemente alguns assuntos e realiza uma reflexão sobre a resolução de problemas, afirmando que não podemos solucionar todos os que enfrentamos e que seu coração pode ser traiçoeiro às vezes.

5.3 Carta 3

Quadro 3 – Original e Tradução da Terceira Carta

LETTER 3	CARTA 3
Tuesday (Date of Postmark, May 6, 1841). Dearest Jane, — You must take up with scraps till I can see to indite a regular reputably written letter. I have been doing something, and I half fear that, like most busybodies, I have been doing wrong. Some friends of mine are gone up to London this week — Mrs. **** and her father. This father is a great collector of pictures, and is considered one of the first judges in the county; he has a valuable collection of works of art. It struck me that he would be a most likely person to do something if he could see Count Peppoli's pictures, even if he did not buy; his word and judgment would do good (down here, at least). I wrote a line to **** to tell him to get him to see them if possible, but as I recollected that **** has not the <i>entrée</i>, will you (if you think the thing worth the trouble) send any sort of a talisman to him which may open the door; understand that I do not want you to be plagued with the people in any shape or way, but Mr. ****, great, rough, and sooty-looking man as he is, has done the work of two generations towards civilising the town he lives in, is always buying pictures himself, and making other people buy them too. Do not think me taking a liberty, and don't plague yourself in any way. How are you? are you going on getting strong? Heaven knows when I shall see again fairly! Is Carlyle come back? A friend has been good enough to come and read to me all day in 'Hero-Worship'; but I cannot write any more now. Ever yours, G. E. J.	Terça-feira (data do carimbo postal, 6 de maio de 1841) Minha querida Jane, — você vai ter de se contentar com rabiscos até que eu consiga escrever uma carta comum e respeitável. Estive fazendo algo, e temo, como toda pessoa intrometida estar fazendo errado. Alguns se meus amigos foram para Londres esta semana — Srta. **** e seu pai. Este senhor é um grande colecionador de quadros, e é considerado um dos principais críticos do condado; ele possui uma coleção valiosa de obras de arte. Pensei que ele seria a pessoa mais capaz de fazer algo se pudesse ver os quadros do Conde Peppoli¹⁹, mesmo que não os comprasse; suas palavras e julgamento fariam bem (por aqui, pelo menos). Escrevi um recado para ****, pedindo para vê-los, se possível, mas como me lembrei que **** não possui a <i>entrée</i>²⁰, você poderia (se pensar que vale a pena o esforço) enviar a ele algum tipo de talismã que possa abrir a porta; entenda que não quero que você fique atormentada com essas questões de jeito ou forma nenhuma, mas o Sr. ****, um homem grande, grosseiro, e de aparência sombria como a dele, que fez o trabalho de duas gerações para civilizar a cidade em que mora, sempre comprando os quadros ele mesmo, e fazendo outras pessoas comprá-los também. Não pense que estou tomando uma liberdade, e não se incomode de jeito nenhum. Como está você? continua melhorando e se fortalecendo? Só os céus sabem quando poderei vê-la por completo novamente! Carlyle já retornou? Uma amiga me concedeu a graça de vir e ler para mim o dia todo 'Culto aos Heróis'; mas não consigo escrever mais nada hoje. Sempre sua, G. E. J.

Fonte: elaboração própria (2026).

¹⁹ Provavelmente se refere ao conde Carlo Peppoli (1796-1881), político e poeta italiano.

²⁰ Do francês: entrada.

Novamente Geraldine começa a carta com o clássico *dearest*. Nesta, talvez pelo seu tamanho tão curto e pelo seu caráter de solicitação, não houve tantos elementos dignos de nota. Assim, os principais desafios foram relacionados às palavras *scraps*, *county* e *sooty-looking*, as quais traduzi por ‘rabiscos’, ‘condado’ e ‘de aparência sombria’, respectivamente. A primeira opção se deu porque *scraps* fazia referência às cartas escritas por Geraldine neste momento; especificamente aqui, não poderia ser traduzido por um dos correspondentes diretos do inglês, como pedaços, restos ou fragmentos. Assim, escolhi ‘rabiscos’, pois faz referência direta a algo escrito e de certa forma malfeito, deixando o mesmo efeito do original.

No caso de *county*, escolhi ‘condado’ pelo motivo contrário ao da palavra anterior: esta era a que mais se aproximava do significado específico do original, não dando a mesma impressão que cidade, por exemplo. E *sooty-looking* foi uma escolha voltada para o sentido sem me afastar demais do original, uma vez que não poderia encontrar uma expressão equivalente; ‘de aparência sombria’ acabou sendo o encaixe desta tradução.

Por outro lado, o assunto tratado na carta é importante, pois Geraldine a usa para pedir um favor de sua amiga, de forma que ela abra o caminho para o encontro de duas pessoas que se beneficiariam mutuamente. No entanto, ela se sente incomodada de certa forma por pedir isso a Jane, uma vez que afirma que, se tal ação for inconveniente, ela não deveria se preocupar.

Geraldine aproveita o restante da carta para fazer algumas perguntas sobre a vida de Jane e acerca de Carlyle, seu esposo. E finaliza afirmando que não pode escrever mais nada. Talvez na data em que esta correspondência foi escrita, a sua condição dos olhos tivesse piorado, além de ser a carta menos literária do conjunto analisado, pois, de certa forma, tem um propósito definido e não desvia dele em nenhum momento sequer, para dar lugar às divagações intensas de Geraldine presentes nas duas primeiras.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como foi discutido no âmbito da seção 3 deste trabalho, o gênero epistolar vem sendo debatido e consolidado desde a antiguidade clássica e, até o fim do século XX, era o principal meio de comunicação utilizado entre pessoas que se encontravam distantes umas das outras. Assim, por meio da tradução das cartas de Jewsbury, foi possível adentrar nos elementos composicionais do gênero epistolar e transpô-los para o português.

Os elementos que se destacam são aqueles responsáveis por estabelecer as bases do gênero na antiguidade e que se sobressaíram até a data das cartas analisadas. Podem ser resumidos em: a carta como uma das partes de um diálogo, o que engloba diversas características, como a oralidade presente no texto, a incompletude dos temas tratados e a troca rápida de assuntos; a presença de provérbios; o importante vislumbre biográfico, em outras palavras, por meio das cartas foi possível relacionar dados biográficos de Jewsbury para chegar a uma tradução mais leal de uma das expressões utilizadas pela autora; a capacidade de entendimento por pessoas diferentes que vivem em contextos diferentes, o qual tentei alcançar na tradução, uma vez que os leitores originais das cartas eram cidadãos ingleses do fim do século XIX e os do texto traduzido serão brasileiros do século XXI que se interessam pela pesquisa acerca de epistolografia e tradução; por fim, as cartas de Jewsbury estão repletas dos elementos de graça exemplificados por Gregório Nazieanzeno, com provérbios, gracejos e ditos sentenciosos.

Assim, a tradução buscou recriar nas cartas em português os mesmos elementos composicionais presentes nas cartas em inglês, assim como refletir o estilo de escrita utilizado por Jewsbury. Tendo em vista o objeto de análise, isso foi concretizado no texto e explicado no comentário de tradução. Esse processo se deu com uma ampla pesquisa nos aspectos biográficos da autora, nas características composicionais do gênero epistolar e na metodologia da tradução comentada.

Para dar o devido destaque a esses elementos da pesquisa, é possível recapitular os trechos das cartas que representam os pontos de interesse, sendo o primeiro o caráter dialógico da correspondência de Jewsbury:

Então, minha querida, vamos encarar de frente e corajosamente a nossa circunstância; se foi nos dado o amor – pois não é toda mulher que recebe este terrível dom – vamos nos submeter sem esforços vãos às suas condições. Ele traz o sofrimento da mesma forma que a vida traz a morte! Não devemos receber prêmios além daqueles dados pela nossa alma (Ireland, 1892, p. 5, tradução minha).

Como mostrado, Jewsbury fazia bastante uso dos sinais de pontuação para representar a expressividade do que queria dizer através da escrita. Além disso, este excerto é representativo pois é utilizado pela autora para dar um conselho à sua interlocutora, falando diretamente a ela, diferente dos trechos em que conta acerca do seu dia ou faz breves narrações.

Em seguida, pode-se destacar a presença de provérbios, como em:

Do not all religions seem to shadow forth an occult law of nature in the notion (common to all) of vicarious sacrifices — the few suffering, undeservedly, to benefit the many? We shall go on loving blindly, and making our very souls as the ground for them we love. And yet, after all, let us not forget that they who cause this suffering are only acting according to their nature, and are not altogether to be blamed (Ireland, 1892, p. 6).

Nesta parte, a autora cita um aspecto da tradição religiosa para desenvolver um diálogo acerca dos elementos que cercam esta tradição e suas inteceções com a vida das mulheres na época. Também é possível observar, a partir deste excerto, uma parte do pensamento de Jewsbury acerca da questão das mulheres na sociedade vitoriana; no entanto, esta é uma característica das cartas que só pode ser analisada inteiramente a partir de uma visão geral de sua obra tanto epistolográfica quanto literária, o que não é o objetivo deste trabalho.

Prosseguindo, cito o trecho para cuja tradução foi importante observar aspectos biográficos da trajetória de Jewsbury: “Fui passar o dia com uma dama que foi muito gentil comigo desde que fui confinada” (Ireland, 1892, p. 2). *Shut up* é uma locução verbal que possui um significado literal e outro figurado, sendo ambos bastante diferentes entre si. Nesse sentido, foi possível chegar à conclusão de que se tratava da expressão em seu sentido literal *confinada*, pois a carta foi escrita em uma época que a movimentação de Jewsbury estava restrita em função do seu problema nos olhos.

Além disso, em relação ao aspecto de clareza houve algumas estratégias que foram realizadas durante o processo tradutório. Para espelhar a compreensão que o leitor inglês tinha à época de publicação da coletânea de cartas, os trechos em francês foram traduzidos e os nomes mencionados foram contextualizados nas notas de rodapé. Ademais, todas as escolhas tradutórias foram realizadas visando a esse objetivo.

Acerca dos elementos de graça, pode-se destacar o excerto a seguir:

e enquanto eu me perguntava como as coisas iriam se desenrolar desta vez, chegou, não ele, mas uma matrona conhecida, bastante sóbria e respeitável, que veio, segundo ela, ‘apenas para me ensinar a costurar’, pensando que seria uma boa distração agora que eu não conseguia ler nem trabalhar! (Ireland, 1892, p. 8, tradução minha).

Subentende-se nessa passagem um tom irônico, de irritação até, pela forma com que Geraldine escolheu relatar uma determinada situação. Em momentos assim, foi possível utilizar bastante a criatividade para reproduzir o mesmo efeito dos gracejos da autora em português.

Esses foram, portanto, os elementos de destaque no processo de tradução e de análise das três primeiras cartas de Geraldine Jewsbury a Jane Carlyle. Cabe, todavia, a realização posterior de estudos mais completos acerca da produção epistolar desta autora, de forma que venha a ser possível analisar todos os elementos composicionais presentes na integralidade de sua obra.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso deste trabalho, foi possível adentrar em temas centrais que representavam os objetivos da pesquisa: os aspectos composicionais do gênero epistolar, como a correspondência de Geraldine Jewsbury apresenta esses aspectos à sua maneira, como os elementos biográficos interferem no processo de tradução desse gênero e a relevância da correspondência na expressão escrita feminina.

Acerca do gênero epistolar, foi possível observar que sua origem se deu quase que ao mesmo tempo do estabelecimento dos gêneros literários na antiguidade (Tin, 2005b) e, além da função comunicativa, ele também foi objeto de estudo e ponderação acerca de sua forma por vários pensadores clássicos, incluindo Marco Tulio Cícero (Tin, 2005b).

Observando essas ponderações, foi possível analisar a correspondência de Jewsbury e encontrar as características gerais do gênero em seus escritos analisados. Além disso, para a realização da tradução, foi muito importante ter em vista essas características de forma a vertê-las para o português e preservar a forma tanto quanto o sentido do texto original.

A tradução comentada trouxe à luz o passo a passo para a tomada de cada decisão acerca do texto, tanto criativa quanto operacional. Como esta é ainda uma autora pouco conhecida no Brasil, uma vez que nenhuma de suas obras foi traduzida, tampouco suas cartas, realizar este procedimento ao mesmo tempo em que fazia uma pesquisa acerca do gênero epistolar, foi certamente enriquecedor.

No entanto, ainda é necessário que se faça um estudo detalhado do restante das cartas presentes na obra *Sellections from the letters of Geraldine Endsor Jewsbury to Jane Welsh Carlyle* (Ireland, 1892), assim como dos romances publicados por Jewsbury, além de seus artigos e traduções.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, E. James Joyce e Ezra Pound, uma aliança selada em cartas. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, n. esp. 2, p. 85-96, 2022. DOI 10.5007/2175-7968.2022.e92159. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/92159>. Acesso em: 4 maio 2026.
- ALSELMI, A. L. O ofício da escrita: uma sondagem do fazer literário por meio de cartas de Caio Fernando Abreu. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 232-242, jan./jun. 2015. DOI 10.15448/1984-4301.2015.1.19555. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/19555>. Acesso em: 4 maio 2026.
- ANDRADE, D. E. Escrita da história e política no século XIX: Thomas Carlyle e o culto aos heróis. **Revista História & Perspectivas**, Uberlândia, v. 1, n. 35, p. 211-246, 2006. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/historiaperspectivas/article/view/19066>. Acesso em: 25 mar. 2026.
- ANGELIDES, S. **Carta e Literatura**: correspondência entre Tchekhov e Górkí. São Paulo: Edusp, 2001.
- ANTUNES, M. A. G. (org.). **Traduções comentadas**: teoria e prática. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2024.
- AUBERT, F. H. Modalidades de tradução: teorias e resultados. **TradTerm**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 99-128, 1998. DOI 10.11606/issn.2317-9511.tradterm.1998.49775. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/en/article/view/49775>. Acesso em: 4 maio 2026.
- AUBREY, B. Samuel Taylor Coleridge. **EBSCO**, 2023. Disponível em: <https://www.ebsco.com/research-starters/history/samuel-taylor-coleridge>. Acesso em: 7 abr. 2026.
- BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. Tradução de Maria E. Galvão e revisão por Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOSA, S. F. P. A escrita epistolar, a literatura e os jornais do século XIX: uma história. **Revista da Anpoll**, Porto Alegre, v. 1, n. 30, p. 261-291, 2011. DOI 10.18309/anp.v1i30.196. Disponível em: <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/196>. Acesso em: 4 maio 2026.
- BASTONS I VIVANCIO, C. **Polisemantismo y polimorfismo de la carta em su uso literário**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2006. Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/obra/polisemantismo-y-polimorfismo-de-la-carta-en-su-uso-literario-0/>. Acesso em: 4 maio 2026.
- BLOOM, A. B. Jewsbury, Geraldine. In: FELLUGA, D. F. (ed.). **The Encyclopedia of Victorian Literature**. John Wiley & Sons: Nova Jersey, 2015. p. 1-3.
- BRITTO, P. H. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMARGO, M. R. R. M. **Cartas e escrita**: práticas culturais, linguagem e tessitura da amizade. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CAMBRIDGE DICTIONARY. Meaning of masque in English. **Cambridge Dictionary**, 2026. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/us/dictionary/english/masque>. Acesso em: 1 abr. 2026.

CARNEY, K. M. The Publisher's Reader as Feminist: the career of Geraldine Endor Jewsbury. **JSTOR**, Baltimore, v. 29, n. 2, p. 146-158, 1996.

CASTRO, O. (Re)examinando horizontes nos estudos feministas de tradução: em direção a uma terceira onda?. **TradTerm**, São Paulo, v. 29, p. 216-250, 2017. DOI 10.11606/issn.2317-9511.v29i0p216-250. Disponível em: <https://revistas.usp.br/tradterm/en/article/view/134563>. Acesso em: 4 maio 2026.

CASTRO, O.; SPOTURNO, M. L. Feminismos e tradução: apontamentos conceituais e metodológicos para os estudos feministas transnacionais da tradução. Tradução de Maria Marmara Florez Valdez e Beatriz Regina Guimarães Barboza. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 42, n. 1, p. e81122, 2022. DOI 10.5007/2175-7968.2022.e81122. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/81122>. Acesso em: 4 maio 2026.

COSTA, M. F.; SOARES, J. C. Livre como uma borboleta: simbologia e cuidado paliativo. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 3, p. 631-641, 2015. DOI 10.1590/1809-9823.2015.14236. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbagg/a/pY5XpWHG4SCfcL3p9fTb4FR/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 7 abr. 2026.

COSTA, C. L.; ALVAREZ, S. E. Translocalidades: por uma política feminista da tradução. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 17, n. 3, p. 739-742, 2009. DOI 10.1590/S0104-026X2009000300006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/jd4MWSfbTR6c86f6BHS5GVz/?lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2026.

CRUIKSHANK, M. Geraldine Jewsbury and Jane Carlyle. **Frontiers: A Journal of Women Studies**, Nebraska, v. 4, n. 3, Lesbian History, p. 60-64, 1979. DOI 10.2307/3346151.

DEMÉTRIO. **Sobre el estilo**. Introducciones, traducciones y notas de José García López. Madrid: Editorial Gredos, 1979.

DIAZ, J. L. O gênero epistolar: gênese das obras, gênese de si. Tradução de Ligia Fonseca Ferreira. **Manuscrita**, São Paulo, n. 50, p. 222-228, 2023. DOI 10.11606/issn.2596-2477.i50p222-228. Disponível em: <https://revistas.usp.br/manuscritica/article/view/217633>. Acesso em: 15 jan. 2025.

DOGANAY, E. Sir Astley Paston Cooper (1768-1841): The man and his personality. **Journal of Medical Biography**, London, v. 23, n. 4, p. 209-216, 2015. DOI 10.1177/0967772013506683. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24585624/>. Acesso em: 7 abr. 2026.

FADERMAN, L. **Surpassing the Love of Men**: romantic friendship and love between women from the Renaissance to the Present. New York: Quill, 1981.

FLOTOW, L. Tradução feminista: contextos, práticas e teorias. Tradução de Ofir Bergemann de Aguiar e Lilian Virginia Porto. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 41, n. 2, p. 492-511, 2021. DOI 10.5007/2175-7968.2021.e75949. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/75949>. Acesso em: 4 maio 2026.

FREITAS, L. F.; TORRES, M. H. C.; COSTA, W. C. (org.). **Literatura traduzida, tradução comentada e comentários de tradução volume dois**. Fortaleza: Substância, 2017.

GOVER, M. “A Very Pretty Hand”: the questionable value of using Jane Austen’s Letters as a means of knowing Austen. **Lifewriting Annual**, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 1-25, 2007. DOI 10.16995/la.9462. Disponível em: <https://lifewritingannual.openlibhums.org/article/9462/galley/22424/download/>. Acesso em: 4 maio 2026.

GUILLÉN, C. Al borde de la literariedad: literatura y epistolaridad. **Tropelías**, Zaragoza, n. 2, p. 71-92, 1991. DOI 10.26754/ojs_tropelias/tropelias.199123456. Disponível em: <https://papiro.unizar.es/ojs/index.php/tropelias/en/article/view/3456>. Acesso em: 4 maio 2026.

GUILLÉN, C. Correspondencia epistolar y literatura. **Cursos Universitarios**, p. 35-39, 1991. Disponível em: <https://recursos.march.es/culturales/documentos/conferencias/resumenes-bif/549.pdf>. Acesso em: 4 maio 2026.

HAMBURGER, K. **A Lógica da Criação Literária**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

HARPER, D. Etymology of shut up. **Online Etymology Dictionary**, 2026. Disponível em: <https://www.etymonline.com/word/shut%20up>. Acesso em: 20 mar. 2026.

HARTLEY, J. M. Geraldine Jewsbury and the problems of the woman novelist. **Women’s Studies Int. Quart.**, London, v. 2, p. 137-153, 1979.

IONTA, M. A escrita de si como prática de uma literatura menor: cartas de Anita Mafalti a Mário de Andrade. **Estudos Feninistas**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 91-101, 2011. DOI 10.1590/S0104-026X2011000100007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cY8pLZtRRvWdyh4TLb8RvDR/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 4 maio 2026.

IRELAND, Alexander (ed.; org.). **Selections from the letters of Geraldine Endsor Jewsbury to Jane Welsh Carlyle**. London: Longmans, Green, and Co., 1892.

JUMP, H. D. ‘My Dearest Geraldine’: Maria Jane Jewsbury’s Letters. **Bulletin John Rylands Library**, Ormskirk, v. 81, n. 1, p. 63-72, 1999. DOI 10.7227/BJRL.81.1.4. Disponível em: <https://www.manchesterhive.com/view/journals/bjrl/81/1/article-p63.xml>. Acesso em: 17 abr. 2026.

KAMPMANN, J. F. **A Ciência da Tradução precisa de teoria(s)?**: tradução comentada de um artigo crítico. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Tradução Português/Alemão) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

KOHLRAUSCH, R. Gênero epistolar: a carta na literatura, a literatura na carta, rede de sociabilidade, escrita de si.... **Letrônica**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 149-155, jan./jun. 2015.

DOI 10.15448/1984-4301.2015.1.21361. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/21361>. Acesso em: 13 ago. 2025.

LAMHA, L. P.; LAGES, S. K. Dez *Cartas a Milena*, de Franz Kafka: uma tradução comentada. **Tradução em Revista**, Rio de Janeiro, v. 35, p. 262-287, 2023. DOI 10.17771/PUCRio.TradRev.64586. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_trad.php?strSecao=article_sp&fas=64665&numfas=11&nrseqcon=64586&NrSecaN=11. Acesso em: 12 ago. 2025.

MARSH, J. William Charles Macready. **EBSCO**, 2023. Disponível em:
<https://www.ebsco.com/research-starters/biography/william-charles-macready>. Acesso em: 1 abr. 2026.

MAZZENO, L. W. Samuel Richardson. **EBSCO**, 2022. Disponível em:
<https://www.ebsco.com/research-starters/history/samuel-richardson>. Acesso em: 20 mar. 2026.

MEDEIROS, C. L. O romance epistolar europeu no século XVIII: da sentimentalidade ao amor filosófico. **Cerrados**, Brasília, v. 32, n. 63, p. 72-84, 2023. DOI 10.26512/cerrados.v32i63.44531. Disponível em:
<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/44531>. Acesso em: 4 maio 2026.

QUENTAL, R. F. A dicotomia tradicional teoria/prática no ensino de tradução. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 26, p. 37-48, 1995. Disponível em:
<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/tla/article/view/8639248>. Acesso em: 4 maio 2026.

RAMOS, M. Teoria clássica e medieval da composição epistolar: entre epistolografia e retórica. **CEM – Cultura, Espaço & Memória**, Porto, n. 8, p. 25-42, 2017. Disponível em:
<https://ojs.letras.up.pt/index.php/CITCEM/article/view/4658#>. Acesso em: 4 abr. 2026.

ROBERTS, L. C. “The Production of a Female Hand”: professional writing and the career of Geraldine Jewsbury. **Women’s Writing**, v. 12, n. 3, p. 399-418, 2005. DOI 10.1080/09699080500200271.

ROMÃO, T. L. C. As cartas de Franz Kafka a Milena Jesenská: um romance epistolar entre medos e desejos. **Revista Entrelaces**, Fortaleza, v. 1, n. 16, p. 48-68, abr./jun. 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44547>. Acesso em: 4 maio 2026.

RODRIGUES, L. G. Afinal, a quem pertence uma carta? **Letrônica**, Porto Alegre, v. 8, n. 1, p. 222-231, jan./jun. 2015. DOI 10.15448/1984-4301.2015.1.19229. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/letronica/article/view/19229>. Acesso em: 29 jan. 2026.

SAMOYAUULT, T. **A intertextualidade**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SANTOS, P. Entre fatos diversos: literatura e trabalho nas cartas de Paulo Barreto e de Lima Barreto. **Revista de História**, São Paulo, n. 182, p. a06622, 2023. DOI 10.11606/issn.2316-9141.rh.2023.198581. Disponível em:
<https://revistas.usp.br/revhistoria/en/article/view/198581>. Acesso em: 4 maio 2026.

TIN, E. Cartas e Literatura: reflexões sobre pesquisa do gênero epistolar. *In*: SEMANA DE ESTUDOS DO CURSO DE LETRAS DA UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP, 4., 2005, Limeira. **Anais [...]**. Campinas: Portal Unicamp, 2005a. p. 1-11.

TIN, E (org.). **A arte de escrever cartas**: Anônimo de Bolonha, Erasmo de Rotterdam, Justo Lísio. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005b.

TORRES, M. H. C. Por que e como pesquisar a tradução comentada? *In*: FREITAS, L. F.; TORRES, M. H. C.; COSTA, W. C. (org.). **Literatura traduzida, tradução comentada e comentários de tradução volume dois**. Fortaleza: Substância, 2017. p. 15-35.

WARRHIER, L.; COSTA-HUBES, T. C. Cartas Familiares e pessoais: da teoria sobre gêneros do discurso a uma prática de análise descritiva. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNEROS TEXTUAIS, 5., 2009, Caxias do Sul. **Anais [...]**. Caxias do Sul: SIGET, 2009. n. p.

WELLEK, R.; WARREN, A. **Teoria da Literatura**. Lisboa: Publicações Europa-América, 1971.

WOOLF, V. **Mulheres e Ficção**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 2019.

ZAVAGLIA, A.; RENARD, C. M. C.; JANCZUR, C. A tradução comentada em contexto acadêmico: reflexões iniciais e exemplos de um gênero textual em construção. **Aletria**, Belo Horizonte, v. 25, n. 2, p. 331-352, 2015. DOI 10.17851/2317-2096.25.2.331-352. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18655>. Acesso em: 24 maio 2026.